

revista
e



mensal | outubro de 2021 | nº 4 | ano 28 |  /sescrevistae |  /sescsp.org.br/revistae |  revistae@sescsp.org.br | Distribuição gratuita | Venda proibida

ISSN 2179907-5
0319
9 772179 907008

ALÉM DO PRATO | LONGEVIDADE PELA ARTE | TEMPO DE TRAVESSIA E REFLEXÃO | JOÃO CABRAL DE MELO NETO | HELVÉCIO RATTON | MUNIZ SODRÉ | APATIA EM TEMPOS DE CRISE | ANTONIO GERALDO FIGUEIREDO FERREIRA | HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA | KAREN LEAL DA SILVA

sesc 75 ANOS



SESC JAZZ

**DE 15 A 31 DE
OUTUBRO DE 2021**

Mais de 20 shows nacionais, transmitidos ao vivo das unidades do Sesc Consolação, Pinheiros, Pompeia e Vila Mariana, com plateia reduzida, além da exibição de shows internacionais gravados e inéditos, ações formativas, produções audiovisuais inéditas, mostra de filmes e apresentações do acervo Sesc SP.

Atividades gratuitas e on-line.

**Informações sobre a
programação e ingressos em:**
sescsp.org.br/sescjazz

#SescJazz

Sesc 75
ANOS



Adriano Sobral

IMAGEM DA CAPA

Na ponte estaiada que conecta os edifícios da unidade do Sesc Sorocaba está a imponente intervenção *Entidades*, do artista indígena da etnia Macuxi Jaider Esbell (RR), que ilustra a capa desta edição, e também está contemplada em nossa matéria *Gráfica*. A obra faz parte da terceira edição de *Frestas – Trienal de Artes*, que apresenta as conexões entre os modos de existência não dominantes e os percursos que eles são capazes de conceber. Sob o título *O rio é uma serpente*, esta edição reúne 53 artistas e coletivos de diferentes países e aposta na descentralização da cena da arte, com obras em outros locais da cidade. Com curadoria de Beatriz Lemos, Diane Lima e Thiago de Paula Souza a exposição pode ser visitada até dia 30 de janeiro de 2022. Saiba mais [aqui](#).

75 anos de parceria com o público

Criar condições para que se garantam a valorização das relações interpessoais, a promoção do bem-estar social e o aprimoramento pessoal dos trabalhadores do comércio, serviços e turismo, de seus familiares e de toda a comunidade está no cerne das ações do Sesc – Serviço Social do Comércio desde a sua criação, em 1946.

Diante dos desafios que a pandemia trouxe, o Sesc São Paulo continua a estimular uma ação permanente nos campos da cultura, do lazer, do turismo, dos esportes, da saúde e da alimentação. O seu reconhecido programa Mesa Brasil, de distribuição de alimentos a pessoas em situação de vulnerabilidade social também foi intensificado.

Ampliando suas programações nos meios digitais, e retomando gradativamente a abertura dos seus espaços físicos, a instituição continua presente no cotidiano da população, aumentando seu alcance, contribuindo para a retomada econômica e seguindo no propósito que motiva a sua atuação há sete décadas e meia.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

SUMÁRIO

As escolhas conscientes da alimentação

O tema do meio ambiente tem sido cada vez mais abordado pela população brasileira, pelas instituições e pela mídia. Sabemos que os desequilíbrios ambientais estão cada vez mais evidentes ao redor do mundo e seus efeitos, cada dia mais preocupantes para todas as formas de vida.

As escolhas que fazemos hoje já são um reflexo direto do que devemos esperar no futuro, em todos os aspectos. Meio ambiente, alimentação e saúde são assuntos cada vez mais interligados porque precisam estar alinhados para a preservação da biodiversidade do planeta. Como podemos buscar alternativas para reduzir os danos de um sistema alimentar que ainda contribui para muitos dos impactos ambientais conhecidos hoje? A reportagem principal desta edição da **Revista E**, *Além do prato*, apresenta um panorama de alternativas e ações para pensarmos a alimentação como um bem à nossa saúde e à do nosso planeta.

Esta edição faz ainda um passeio pela História e relembra, no *Almanaque Paulistano*, lugares da capital por onde costumavam circular artistas da Semana de Arte Moderna de 1922; a escritora Heloísa Buarque de Hollanda fala de seus estudos sobre o feminismo desde os anos 1960 e compartilha a arte de agregar gerações em torno da diversidade cultural em *Encontros*; o cineasta mineiro Helvécio Ratton relata suas experiências como autor de filmes que repercutem questões sociais, como a saúde mental, em *Depoimento*; a matéria Gráfica examina novos mundos possíveis com a terceira edição de *Frestas – Trienal de Artes*; e, na seção literária, conto inédito do escritor paulista Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira.

Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA
Diretor do Sesc São Paulo



Gabriela Isarais

Em ENTREVISTA, o professor e pesquisador MUNIZ SODRÉ fala sobre uma democracia pavimentada pela emoção e pela tecnologia

10



Dani Sordini

ESCOLHAS ALIMENTARES adequadas e saudáveis apontam para necessidade de informação, consciência ambiental e novas práticas individuais e coletivas

18



Arquivo da família Verso Prasil Editora

No PERFIL, a alma do sertão presente na vida e na obra do poeta e diplomata JOÃO CABRAL DE MELO NETO

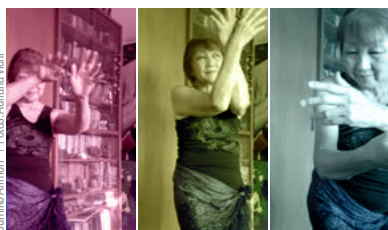
28



Shirley Villavicencio Pirampo | *Olympia Beyond the Model* (Olympia após de modelagem, 2019). Acrílica sobre tela | foto: Mathias José Nêra

Na GRÁFICA, a terceira edição de *FRESTAS – TRIENAL DE ARTES* joga luz sobre sujeitos, temáticas e conexões para novos mundos possíveis

38



Sumbro Aninori | Fotos: Adriana Vichi

Pela prática ou pela fruição, cada vez mais pessoas acima dos 60 anos encontram LONGEVIDADE NA ARTE

60

DOSSIÊ	7
EM PAUTA APATIA EM TEMPOS DE CRISE	64
ENCONTROS HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA	72
DEPOIMENTO HELVÉCIO RATTON	76
INÉDITOS ANTONIO GERALDO FIGUEIREDO FERREIRA	82
ALMANAQUE PAULISTANO	88
P.S. KAREN LEAL DA SILVA	92

Corpos em ação

NA 12ª EDIÇÃO DA BIENAL SESC DE DANÇA, GRUPOS DO BRASIL E DE OUTROS PAÍSES EXPRESSAM QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS EM ESPETÁCULOS E ATIVIDADES FORMATIVAS

Corpos materializam memórias e narrativas que se expressam pela dança. Cada coreografia, seja ela realizada em um tablado, no chão de casa ou nas ruas, é um movimento que reflete sobre o passado e o presente. Permeada por esse caráter reflexivo e plural, que abraça diferentes corpos e questões contemporâneas, a Bienal Sesc de Dança realiza sua 12ª edição entre os dias 2 e 10 de outubro, com uma ampla programação online nas plataformas digitais do Sesc São Paulo.

Artistas e grupos do Brasil – São Paulo, Bahia, Ceará e Amazonas, entre outros estados – e do exterior, como Coreia do Sul e Portugal, levam para a dança o significado e o impacto do confinamento desses corpos em espaços domésticos durante a pandemia. Outras compreensões e vivências também são temas de apresentações inéditas, criadas especialmente para a Bienal Sesc de Dança.

A maioria dos espetáculos nacionais será realizada em diferentes unidades do Sesc e transmitida ao vivo na programação do *#EmCasaComSesc*, disponível [no canal do YouTube do Sesc São Paulo](#). Também serão exibidas apresentações nacionais e internacionais gravadas especialmente para a Bienal. Além disso, o público poderá participar de uma série de ações formativas – oficinas, workshops, bate-papos, ateliês de dança para crianças e ciclo de estudos, entre outras. Haverá, ainda, uma mostra de filmes e outra de videodança na programação.

“A programação do festival, como de costume, apresenta uma pluralidade de corpos e estéticas da dança contemporânea, trazendo artistas LGBTQIA+, artistas com deficiências e uma forte presença das poéticas dos corpos negros, permeando as ações cênicas e formativas”, segundo Fabrício Floro, assistente técnico da Gerência de Ação Cultural.

Esta edição homenageia dois grandes nomes brasileiros da dança: o bailarino e coreógrafo Ismael Ivo (1955-2020) (*leia Perfil publicado na Revista E nº 296, de junho de 2021*) e a bailarina e coreógrafa Lia Rodrigues, cuja companhia de dança homônima completou 30 anos em 2020 (*leia Encontros publicado na Revista E nº 287, de setembro de 2020*). Confira a programação completa: bienaldedanca.sescsp.org.br.

A PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL, COMO DE COSTUME, APRESENTA UMA PLURALIDADE DE CORPOS E ESTÉTICAS DA DANÇA CONTEMPORÂNEA, TRAZENDO ARTISTAS LGBTQIA+, ARTISTAS COM DEFICIÊNCIAS E UMA FORTE PRESENÇA DAS POÉTICAS DOS CORPOS NEGROS, PERMEANDO AS AÇÕES CÊNICAS E FORMATIVAS.

FABRÍCIO FLORO,
assistente técnico da
Gerência de Ação Cultural.



Coreógrafo, bailarino, professor
e pesquisador, Luis Arrieta
apresentará um trabalho
inédito na programação virtual
da Bienal Sesc de Dança



Divulgação

ÚLTIMO RISO

Depois de ser exibido no Festival de Cannes (França) deste ano e estrear nas telonas em setembro, o filme *O Palhaço, Deserto* entra na programação do SescTV a partir do dia 1º de outubro. Dirigido pela paulistana Patrícia Lobo, o longa-metragem conta a história do palhaço Cidadão (interpretado pelo ator Paulo Jordão), que enfrenta com amargura e desilusão o primeiro dia de sua aposentadoria, após 47 anos dedicados ao ofício de fazer rir. O protagonista caminha pelas ruas do centro da cidade de São Paulo, imerso em um campo de ilusão (como se estivesse em um cabaré) e em outro de concreta realidade, atravessando ruas, personagens e dilemas. Assista: sescsp.org.br/sescstv.

QUESTÃO DE SAÚDE

São muitas as dimensões que cercam o uso das drogas, como o sofrimento psíquico demonstrado nos índices de saúde mental no Brasil. A fim de levantar reflexões sobre essa temática, o curso *Questão Social das Drogas*, no Sesc Bom Retiro, realiza dez encontros com a presença de especialistas convidados e a mediação da assistente social e pesquisadora Fernanda Almeida. Distribuídos em dois módulos, os encontros irão percorrer um trajeto que passa pela história da proibição, pelo racismo e pelas mudanças de políticas públicas e medidas jurídicas associadas às drogas, além de estratégias de redução de danos e práticas de cuidado à saúde mental. A partir do dia 21/10, estarão abertas as inscrições para o segundo módulo, Racismo, Territórios e Mobilização Social, a ser realizado em novembro. O curso é voltado a profissionais e estudantes de diversas áreas, como Saúde, Psicologia e Serviço Social, além de outras pessoas interessadas no tema (acima de 14 anos). Saiba como participar: sescsp.org.br/inscricoes.

INFÂNCIAS EM PAUTA

Em outubro, o Sesc São Paulo realiza uma série de programações que enfatizam o protagonismo e as vivências das crianças durante a pandemia. Neste período de isolamento e de outras restrições, quais as transformações em suas relações, percepções e brincadeiras? A ação #SescnaSemanaCriança ainda fomenta reflexões acerca das infâncias, suas características e como apoiá-las a fim de oferecer espaço para que aconteçam de maneira saudável. Acompanhe a programação nas redes sociais do Sesc São Paulo: www.youtube.com/sescsp/ / www.facebook.com/sescsp/ / www.instagram.com/sescsp.

NARRATIVAS CINEMATOGRAFICAS

Como criar ou adaptar uma história para salas de cinema, televisão ou plataformas de *streaming on demand*? Para saber como é esse processo, o Sesc Guarulhos dá início, no dia 16 de outubro, ao ciclo de palestras *Escrever Cinema*. Nele, convidados irão falar sobre a criação de narrativas para obras de ficção (longa e curta-metragem), seriados, documentários e animações. Realizado aos sábados, às 14h, cada encontro receberá um convidado que irá compartilhar as etapas dessa escrita, que é fundamental para qualquer produção da sétima arte. Participarão do ciclo os roteiristas/cineastas: Paulo Marcelo do Vale, Daniel Maciel, Lufe Steffen, Juliana Vicente, Celso Sabadin, Camila Kater, Diego Paulino e Alberto Álvares. Todos os encontros serão transmitidos ao vivo pelo [canal do YouTube do Sesc Guarulhos](https://www.youtube.com/c/CanalDoSescGuarulhos) e o encerramento acontecerá no dia 4 de dezembro.



Susana Cristina



Acervo que preserva e conta a história dos 75 anos do Sesc São Paulo, celebrados em setembro passado, o Sesc Memórias ganha espaço nas redes sociais, ampliando diálogos com o público a partir de suas ações e pesquisas e compartilhando documentos que narram a trajetória da instituição. Conheça: www.instagram.com/sescmemorias.

DRAMATURGIA PRESENTE

Com o objetivo de estimular a produção dramática contemporânea, dando visibilidade à diversidade de vozes, corpos, temas e linguagens, o *Círculo de Dramaturgias*, realizado pelo Centro de Pesquisa Teatral do Sesc (CPT_SESC), convida seis autoras para uma série de encontros que vai de outubro a dezembro. Nesta edição, participam: Angela Ribeiro, Ave Terrena, Dione Carlos, Sílvia Gomez, **Cristiane Sobral** e Solange Dias. Ao todo, 20 encontros mediados pelas convidadas – que também fazem a seleção dos participantes – provocam a produção nas artes dramáticas e a reflexão crítica acerca de temáticas, formatos, obras e experimentos. Na abertura, intitulada *Banquete Dramático: O que É (Foi, Será) Dramaturgia?*, a ser transmitida em 8/10 pelo canal do YouTube do CPT_SESC, estarão presentes as seis escritoras. Além desse, mais sete encontros serão abertos ao público. Saiba mais: sescsp.org.br/cpt.





Sob o signo da EMOÇÃO

O PROFESSOR E PESQUISADOR MUNIZ SODRÉ
FALA SOBRE OS DESAFIOS DESENHADOS
PELAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO E
SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SOCIEDADE

A predominância de algoritmos sobre a vida social, aliada a um terreno em que faltam diálogos e sobram demonstrações de ódio, estaria colocando a sociedade, tal qual a conhecemos, de cabeça para baixo? Em seu novo livro, *A Sociedade Incivil: Mídia, Iliberalismo e Finanças* (Vozes, 2021), o sociólogo e escritor Muniz Sodré se debruça sobre essas transformações pelas quais a sociedade ocidental do século 21 está passando. Professor emérito da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Sodré volta-se para uma reflexão sobre outro modo de ser e de conviver, pavimentado sobre as tecnologias da comunicação. Entre seus efeitos, está o conceito de tecnodemocracias, “democracias cada vez mais dependentes do funcionamento de tecnologias”, explica o sociólogo. E, nessa esfera, entra o papel da mídiatização. “A democracia para onde a mídiatização aponta não é mais uma democracia de opiniões argumentadas, mas uma democracia de afetos, de emoções”, acrescenta.

Dois termos que você usa bastante no livro são “tecnodemocracia” e “sociedade incivil”. Poderia explicar esses dois conceitos?

São conceitos diferentes. Nesse livro, me centrei no de sociedade incivil, mas tecnodemocracia já é uma expressão que uso há algum tempo. Tecnodemocracias são democracias cada vez mais dependentes do funcionamento de tecnologias. Quer dizer, principalmente, as tecnologias da comunicação. Não há sociedade que não se apoie em técnicas e sistemas tecnológicos, sempre foi assim. Por exemplo, a sociedade tribal tem sua tecnologia de caça, de plantio, mas, quando digo tecnodemocracia, refiro-me, basicamente, às democracias contemporâneas, que cada vez mais usam em seus procedimentos e mecanismos de funcionamento os meios de comunicação – rádio, revista e internet. Esse conceito não é o mesmo de sociedade incivil. Porque, ao dizer sociedade incivil, eu me refiro à sociedade civil gramsciana [*referente ao filósofo italiano Antonio Gramsci, 1891-1937*] posta de cabeça para baixo. Ou seja, aquela sociedade estudada por Hegel (1770-1831), depois Lenin (1870-1924) e finalmente Gramsci, que é quem efetivamente trabalha esse conceito de sociedade produtiva e organizada ao redor do Estado. Diferenciamos (sociedade civil) de sociedade política, que são os aparatos de Estado, uma vez que a sociedade civil é um esteio da democracia ocidental. Tanto que se mede o grau e a extensão da democracia por sua ocidentalização, e a ocidentalização é a expressão máxima da sociedade civil. Então, o conceito de sociedade incivil tem se aplicado e se referido ao Ocidente.

Quais são as principais características da sociedade incivil?

Quando falo em sociedade incivil, que é um conceito crítico, falo em sociedade, que equivale a um mundo zero de valores. Quer dizer, a sociedade incivil é como um esvaziamento de valores que norteiam e sustentam a sociedade civil tradicional. Portanto, a tecnodemocracia continua funcionando na sociedade incivil, e ela aposta muito nas técnicas democráticas, mas estas se descolam dela num limite. Por exemplo, acho que o conceito de democracia eletrônica é próprio de uma tecnodemocracia ocidental. Não é necessariamente incivil, ela só é insuficiente porque toma como características de democracia apenas os procedimentos, ela é processual. E toda democracia é processual, mas também é o acolhimento da luta por

ANTES A GENTE MORAVA NO
CAMPO; DEPOIS, NAS CIDADES;
E HOJE MORAMOS NA INTERNET

polêmicas e hegemonia. E a hegemonia é a dominação por consentimento. Na sociedade incivil, esses valores vão sendo substituídos por pura tecnologia e pelo esvaziamento da representação política.

Essa ideia da sociedade incivil é bastante costurada pela midiáticação, como descreve no livro. O que seria essa midiáticação?

A midiáticação está dentro do conceito de tecnodemocracia. A midiáticação é o seguinte: como a sociedade funciona? Ela funciona por organizações e instituições. As organizações podem ser de Estado – organizações oficiais que sustentam a sociedade política – e as empresas (privadas). Eu faço, portanto, a diferença entre organização e instituição, que para mim é crucial para falar sobre esse conceito da sociedade incivil. As instituições não visam ao lucro no final do mês, elas não têm uma finalidade produtiva estrita. Elas visam à passagem do saber, elas são formativas. Por exemplo, a família, a escola e a religião são instituições. Elas funcionam por uma transmissão de saber, não por uma transmissão de técnicas para uma finalidade produtiva no final. Ora, a sociedade incivil é um enfraquecimento institucional. A mutação da sociedade civil para a sociedade incivil se dá, primeiro, por um esvaziamento da democracia representativa, o esvaziamento da representatividade e, em seguida, pelo enfraquecimento das instituições. E a midiáticação, qual seu papel? Eu a entendo como a articulação das instituições com a mídia; portanto, midiáticação não é a proliferação de mídia – era o rádio, depois a televisão, agora é a internet... A midiáticação não é uma estrutura de meios de comunicação, não é isso. Ela é uma articulação do funcionamento institucional com a mídia.

Qual ideia norteia isso?

A ideia de que a mídia, em toda a sua extensão, do impresso à internet, cria outro espaço: um espaço paralelo no qual estamos entrando cada vez mais. E isso tem sido até mais sentido do que priorizado.

Tenho falado sobre o assunto em livros anteriores: *Antropológica do Espelho: uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede* (2002), *As Estratégias Sensíveis – Afeto, Mídia e Política* (2006), *A Ciência do Comum: Notas para o Método Comunicacional* (2015). Este último foi, inclusive, traduzido para a língua inglesa no ano passado, por uma editora de Londres. Então, a midiaticização é a articulação da forma de vida, porque é isso que a instituição produz. Enquanto uma empresa produz produtos para você comer, por exemplo, e o Estado produz leis, as instituições produzem formas de vida. Essas formas de vida são cada vez mais transferidas para outro espaço, um espaço virtual criado pela mídia e articulado com as instituições, e isso é sentido quando se diz que hoje vivemos mais na internet do que no solo da cidade. Acredito que foi o criador do Napster [*primeiro programa de compartilhamento de música online, criado em 1999*] que disse há uns 20 anos: “antes a gente morava no campo; depois, nas cidades; e hoje moramos na internet”. Está certíssima a fala dele.

Ou seja, estamos vivendo em um espaço virtual?

A informação, portanto, não é um conteúdo que se distribui, que passa da cabeça de um para a do outro. Existem os conteúdos da informação, mas a informação é maior do que isso: ela é o próprio solo em que nós pisamos hoje. O solo em que andamos. É por isso que, metodologicamente, eu me afasto da sociologia *stricto sensu*, da antropologia, e caio numa filosofia aplicada, porque é difícil você pegar esse tipo de conceituação e extraí-lo da própria sociologia, da filosofia. Você tem que pensar. E, nessa maneira metodológica de ver (a informação), o jornal, o jornalismo, a própria informação é fonte fundamental. Uma coisa em que uma escola clássica confia é na informação de seus pares. Ou seja, na informação validada por seus pares, tirada de livros e livros de livros. O sociólogo trabalha com o que o livro dá. Faço isso também, tenho uma formação acadêmica, mas não acredito mais nisso apenas.

Por quê?

Acho que as revistas, os colunistas, o que chamo de discursos “logotécnicos”, técnicos em palavras, técnicos em discurso – podem ser economistas, médicos, jornalistas –, que tenham contato com fontes primárias e secundárias da vida social, acho que o discurso deles é um discurso básico para que eu possa entender o social. É um discurso que não vem apenas da academia. Então, como é que posso fazer isso sem cair no falso ou no que chamam de *fake news*? Diria que com uma metodologia que não seja apenas intelectual, mas compreensiva. Compreensão significa (do latim) *comprehendere*, abraçar o objeto. Mas abraçar de que modo? Afetivamente. É você se colocar também no lugar do objeto: é isso que chamo de “estratégias sensíveis”. A mídia e a internet funcionam dessa forma.

Como assim?

Não é mais a racionalidade que importa, mas a mobilização por afeto. Então, a democracia para onde a midiaticização aponta não é mais uma democracia de opiniões argumentadas, mas uma democracia de afetos, de emoções. A democracia hoje lida com emoções, e é isso que as redes (sociais) têm feito. Nessa outra realidade, nessa realidade paralela que chamo em outro livro de “bios virtual”, nessa forma de vida virtual, importa mais para o relacionamento humano, para o relacionamento político, a emoção do que a razão. Estamos nessa que chamo de “lógica do sensível”, que é a lógica das emoções, dos sentimentos, das sensações. Daí a atração enorme que há para o ódio que movimenta as redes, para a agressão. Quer dizer, nós entramos numa esfera arriscada, mas é essa esfera em que estamos. E, se não olharmos para ela de frente, vamos cometer o erro de ainda querer uma sociedade com discursos puramente racionais, herdados de textos clássicos. Nós estamos numa era, numa democracia cada vez mais emocional, e é isso que vem caracterizando a midiaticização dentro da sociedade que leva à sociedade incivil.

A INFORMAÇÃO NÃO É UM CONTEÚDO QUE SE DISTRIBUI,
ELA É O PRÓPRIO SOLO EM QUE NÓS PISAMOS HOJE

Qual a relação entre esse alerta e a imagem que você usa do “sapo escaldado”, quando fala da midiatização?

Parece que o sapo pula quando a água fica quente demais. Essa imagem é boa para mostrar o seguinte: nós podemos estar sendo escaldados sem saber. Escaldados por uma coisa que não entendemos. Por exemplo, essa prevalência das emoções sobre a razão. Quer dizer, ela sempre esteve aí, não é uma novidade. Em *A República*, de Platão [filósofo grego que viveu entre os séculos 5 e 4 a.C.], estava na distinção entre *paideia*, como cultura racional que vai servir para a educação, e *paidia*, como jogo, como o lúdico, o sensível. Essa cisão que orientou o Ocidente já não funciona mais. A *paidia*, o jogo, o sensível, ganhou o primeiro plano, e hoje parte importante da *paideia* tecnológica se faz como *paidia* em fundo de garagem. Ou seja, um *hacker* que ameaça hoje um sistema pode ser, às vezes, um ignorante do ponto de vista da *paideia*, mas um geniozinho na frente do computador, porque o que ele faz o dia inteiro é jogar: hackear é brincar, e é um brinquedo perigoso. Então, essa separação que começou e foi feita na Grécia orientou o Ocidente, porém está sendo questionada. Quando falo da “lógica do sensível”, estou falando da incorporação do jogo e do sensível pela ciência social sisuda. Pela velha dama social sisuda que é a sociologia, que quer ter apenas a razão.

Dessa forma, seria necessária uma integração entre razão e emoção para pensar e equacionar as questões sociais hoje?

Os problemas sociais, as questões sociais que estão aflorando hoje – e que, se você olhar pela ótica marxista, pareciam uma questão secundária –, aparecem como uma questão primária. Por exemplo, o racismo. O racismo sempre esteve aí, mas irrompeu agora como uma questão primordial, uma questão de primeiro plano, não apenas no Brasil, mas no mundo inteiro. E nenhum instrumento racional explicou ou deu conta do racismo. Ele está colado aos sistemas coloniais, à opressão de classe social, e tudo isso tem sua parte explicativa. Disseram que, com a chegada da tecnologia, desapareceria o racismo, e ele não desapareceu. As relações de trabalho são de novo

racializadas. Você olha para esses aplicativos de hoje: quem trabalha para entregar coisas em casa? É (na maioria) gente muito pobre ou preta, ou seja, as relações de trabalho são racializadas pelas novas tecnologias. Quem é que está dando duro para produzir microchip barato? É o chinês que está sendo escravizado, porque aquilo é uma nova forma de trabalho escravo. Então, são questões que aparecem agora e dizem respeito ao afeto, ao sensível. Por isso, desconfio seriamente da validade das metodologias das

ciências sociais para explicar as questões que estamos vivendo hoje. Nós precisamos de uma nova metodologia, e o conceito de sociedade incivil foi um conceito meu e da professora Raquel Paiva, da UFRJ.

O QUE ESTÁ
OCORRENDO HOJE
NA ESFERA DO
JOGO PÚBLICO
DAS OPINIÕES E
DECISÕES É QUE
O NUMÉRICO
ESTÁ SENDO
REFORÇADO PELOS
ALGORITMOS

No novo livro, você também fala de outra questão interessante: uma espécie de padronização de opiniões. Como toda a midiatização contribui para essa uniformização e, ao final, empobrece as discussões, as discordâncias?

Existe uma tendência que é: tomar decisões a partir de números. Foram produzidas as vacinas contra a Covid-19 e vemos a importância das estatísticas na produção desse conhecimento. É justo, porque as estatísticas vão mostrar como a sociedade se comporta. Até aí, tudo bem. Mas quando você extrapola a ciência, quando extrapola o biológico para o social, você vê que as estatísticas têm um peso determinante, às vezes padronizador.

Estatísticas, por exemplo, sobre a produção de hidrelétricas: você pode construir hidrelétricas e se lixar para a natureza ao redor, se formas de vida ribeirinha vão desaparecer, porque numericamente aquela hidrelétrica parece necessária. Ou seja, o capital está comprometido com a padronização de produção, que não comporta outras formas de vida. Só que não é assim, isso tem que ser discutido. Cada território precisa discutir suas formas de vida. Mas o planejamento econômico centralizado não permite isso, não deixa que isso aconteça. O que está ocorrendo hoje na esfera do jogo público das opiniões e decisões é que o numérico está sendo reforçado pelos algoritmos.



Lucas Seixas | Folhapress

Em que aspectos?

O algoritmo é um sequenciamento numérico, e essa maneira de pensar é administrativa, gerencial, porque os algoritmos são ótimos para gerenciar, administrar. Agora, como é que isso se liga à incivilidade e à política? É que a forma gerencial e administrativa de vida tem mais a ver com organização do que com instituição. Ou seja, é muito melhor para o administrador e para a perspectiva da organização ter um político-administrador. Só que esses políticos-administradores não existem, e lá (quando chegam ao poder) se tornam corruptos. Há uma ideologia organizacional que é empresarial e não

política, portanto, ela não é institucional. Estou querendo mostrar o quanto o pensamento numérico, contábil, do algoritmo, está invadindo a vida social. Porque com o algoritmo você não discute. Ou você o aceita ou corre dele. E a linguagem dele é a criptografia. O que quero dizer é que as formas sociais que surgem com a tecnologia são formas de dissuasão (desestímulo) da polêmica e de concorrência para uma uniformidade avassaladora. Essa uniformidade avassaladora eu chamo de padronização. Portanto, nós estamos vivendo num mundo de aplastamento (esmagamento) das diferenças, de aplastamento do dissenso.

Outra coisa que você traz no livro é a ideia do “corpo consumidor”. O que seria?

O consumo, na verdade, é a grande estratégia do capitalismo da metade do século 20 para cá, e, principalmente, do capitalismo financeiro. Porque o capitalismo financeiro é totalmente abstrato em relação às questões reais de produção. Ele não quer produzir, mas acumular capital e fazer essas fortunas enormes e absurdas. O consumo, que também pode ter seu momento de pico e de queda, é a grande estratégia desse capitalismo abstrato em relação às condições reais de vida. O consumo é, no fundo, uma padronização dentro de uma forma. Esse “corpo consumidor”.

Então, a mídia funciona nesse corpo como uma correia de transmissão de ideias e de modelos?

Não apenas como uma correia de transmissão. Acho que a imprensa (já) funcionou como essa correia, mas acho que a mídia hoje é mais do que isso. Ela é o próprio corpo-matriz. Ela é que dá corpo. Quer dizer, o corpo ganha realidade nessa grande matriz corporificante que é a mídia. Ela é, portanto, um corpo global.

Quando cita a falência dos algoritmos, você dá o exemplo de como eles não previram a Primavera Árabe, onda de protestos populares que ocorreu no Oriente Médio e Norte da África entre 2010 e 2012. Ou seja, esse endeusamento da possibilidade de o algoritmo saber tudo cai por terra.

Os algoritmos têm uma eficácia crescente na medicina, nas operações com robôs. Em todas as maquinações, em todo maquinário, o algoritmo é, portanto, outro nome para se dar à robotização da produção e da vida social. E essa robotização é irreversível. Quer dizer, os algoritmos têm uma eficácia gigantesca. E, até agora, é o ser humano que está programando (os sistemas), mas começa a não ser mais. Há problemas colocados por máquinas ou robôs que só outro robô resolve, por exemplo. Ou seja, eles já criam uma lógica própria. No entanto, o algoritmo tem um limite que, para mim, são as formas inenarráveis de manifestação da vida. Portanto, resistir à luta com o algoritmo só pode ser dar por duas ferramentas: pela ética e pela política.

A questão de gigantes das redes sociais, como Google e Facebook, entre outros, não quererem ser vistos como veículos de mídia, ou seja, ausentarem-se da legislação da mídia, algo que no seu livro você chama de “tecnologia distributiva”, os colocaria em qual lugar?

A mídia, na verdade, é uma forma de poder sobre o discurso. Mesmo o jornalismo tradicional, suas mudanças, suas alterações, o *lead*, a concisão, tudo isso não é uma questão estilística como é na literatura, mas para captar a atenção do outro. É o poder sobre a escuta do outro, o

poder sobre a palavra do outro, e a mídia é uma forma de poder. Só que isso não é condenável, nós lidamos todo o tempo com formas de poder diferentes. A política tem poder dentro dela, e há poder na assimetria de um indivíduo sobre o outro: do pai sobre o filho, ou do filho sobre o pai, o poder das relações de amizade. O poder está aí o tempo inteiro, mas nós nos singularizamos quando nos esquivamos das formas absolutas de poder. Ora, então, esses conteúdos que a mídia distribui só serão a forma de poder das quais teremos que nos livrar quando esses conteúdos deixarem de ser trabalhados politicamente para o diálogo social. Esses conteúdos são necessários, o que eles não podem é se

sobrepor ao diálogo social, porque diálogo não é a simples troca de palavras, é cavar a barreira que existe entre você e o outro para produzir uma verdade social. Diálogo não é falar e o outro responder, o *feedback* – isso é troca de palavras. Diálogo é cavar as barreiras da separação para que as pessoas se vejam e se aproximem. É, portanto, uma estratégia do ver, não do olhar. Quando você vê realmente o outro é que você está próximo dele. Então, essa distribuição de informações é necessária, e a imprensa tem feito isso ao longo de sua existência, o problema é quando essa distribuição se torna metastática quando há um descontrole da comunicação. Por que esses conteúdos podem ser cancerosos? Porque eles perdem o sentido social, deixam de ter coordenação social, é o conteúdo pelo conteúdo, e não mais pelo diálogo social, pela política, o que pode ser transformador. ■

DIÁLOGO É CAVAR
AS BARREIRAS DA
SEPARAÇÃO PARA
QUE AS PESSOAS
SE VEJAM E SE
APROXIMEM

Conhecimento
Compartilhado



ARTE DA AULA

**Denilson Soares Cordeiro
e Joaci Pereira Furtado (org.)**

Livro reúne os depoimentos de dez professores reconhecidos pelo estímulo à reflexão e pela conjugação entre ensino e pesquisa na universidade.







Além do PRATO

ESCOLHAS CONSCIENTES E POLÍTICAS PÚBLICAS SÃO INGREDIENTES PARA A PRODUÇÃO E CONSUMO DE ALIMENTAÇÃO ADEQUADA, SAUDÁVEL E SUSTENTÁVEL

Longos períodos de secas, chuvas intensas e outros desequilíbrios ambientais tornaram-se cada vez mais comuns ao redor do globo. São vários os eventos climáticos extremos que podem ser colocados na conta do aquecimento do planeta, que está 1 °C mais quente do que há 100 anos. E, se não houver uma redução imediata de emissões de gases de efeito estufa, existe 40% de chance de que a temperatura em um dos próximos cinco anos seja 1,5 °C mais quente, segundo relatório *Unidos pela Ciência 2021*, produzido pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) da Organização das Nações Unidas, Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) e outras organizações internacionais. Entre os fatores responsáveis por essa crise global, já é notório o papel da indústria e do processo de urbanização. No entanto, precisamos falar sobre outro fator crucial para a vida da população mundial e da Terra: alimentação.

Meio ambiente, alimentação e saúde relacionam-se intimamente e precisam estar alinhados para a preservação da biodiversidade do planeta. No entanto, ainda prepondera um sistema alimentar – composto pela produção, processamento, consumo e descarte do que comemos – que contribui para a escalada de emissões de gases de efeito estufa, a escassez de recursos hídricos, a contaminação de solos, entre outros impactos que acentuam mudanças climáticas globais. Buscar alternativas para esse quadro é urgente e demanda ações em todas as esferas da sociedade.

“É preciso olhar para a cidade não apenas como um grande conjunto de consumidores, mas para cidadãos que têm o direito à alimentação adequada e saudável, promover uma maior conscientização sobre produção, abastecimento e consumo alimentar, como podem ser prejudiciais à nossa saúde, à saúde de quem produz e à saúde do planeta”, destaca a professora do Departamento de Nutrição da Universidade de Brasília (UnB) Elisabetta Recine, integrante do

Observatório de Políticas de Segurança Alimentar e Nutricional. “Tudo isso precisa começar a virar assunto cotidiano.”

Conhecer para transformar

Para alterar esse paradigma, a informação é um dos ingredientes que precisamos levar ao prato. Aliás, nos últimos anos há uma profusão de sites, blogues, perfis de redes sociais, programas de televisão, séries de plataformas de *streaming on demand* e podcasts sobre alimentação. “O acesso à informação se ampliou muito, e nutrição e alimentação estão sendo discutidas em vários cenários e por várias pessoas. No entanto, as pessoas não estão mais saudáveis – física ou emocionalmente”, diz a coordenadora do Grupo Especializado em Nutrição, Transtornos Alimentares e Obesidade (Genta), Marle Alvarenga, idealizadora do Instituto Nutrição Comportamental, que participou do Seminário Internacional Conexão Comida em 2020, na programação do *Experimenta!* (leia *boxe* Comida é saúde e cultura).

O cenário descrito pela especialista se dá porque as informações veiculadas “não necessariamente se traduzem em conhecimento”, observa Elisabetta Recine. “As pessoas se apropriam dessas informações de maneira muito distinta. Então, a informação não necessariamente se torna um conhecimento. O que significa não conseguir contextualizá-la na sua realidade, analisar se ela tem lógica e consistência, e como ela pode ser aplicada na sua vida. Ou seja, precisamos transformar a informação em atitude”.

Repensar escolhas

Instrumento de apoio às ações de educação alimentar e nutricional no Serviço Único de Saúde e também em outros setores, o *Guia Alimentar para a População Brasileira de 2014*, do Ministério da Saúde, reúne informações, orientações e alerta para o impacto ambiental de nossas escolhas alimentares. Entre as que mais impactam está a carne. “A diminuição da demanda por alimentos de origem animal reduz notavelmente as emissões de gases de efeito estufa (responsáveis pelo aquecimento do planeta), o desmatamento decorrente da criação de novas áreas de pastagens e o uso intenso de água”, informa o guia.

O elevado consumo de carnes e de alimentos ultraprocessados não só piora o quadro de segurança alimentar, mas também aumenta o índice de doenças como hipertensão e diabetes, além de impulsionar a degradação de ecossistemas. Por exemplo, para cada



O aproveitamento integral de alimentos é outra maneira de reduzir o desperdício bem como os impactos ambientais provocados pelo destino inadequado de resíduos orgânicos, como aterros sanitários

quilo de carne produzida no país, são usados, em média, 15,4 mil litros de água e emitidos 78 quilos de gases de efeito estufa.

“A carne no Brasil tem um lado cultural importante e você não consegue mudar um hábito cultural de uma hora para outra. É possível fazer algumas adaptações na forma como se produz a carne, a fim de reduzir impactos ambientais, como produzir de uma forma racional [*redução da pegada hídrica e da pegada de carbono*] e diminuir a quantidade de carne consumida”, observa o diretor do Instituto Fome Zero, Walter Belik, pesquisador e professor titular aposentado no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). “Programas do tipo ‘segunda-feira sem carne’ são bons para as pessoas ensaiarem outros tipos de dieta que são importantes.”



Laura Rosenthal

Comida de verdade?

Além da carne, os alimentos ultraprocessados [*formulações industriais feitas com cinco ou mais ingredientes, pobres nutricionalmente e ricos em calorias, açúcar, gorduras, sal e aditivos químicos*] também trazem uma série de problemas ao meio ambiente. “Diria até que esses alimentos que você mal identifica do que são feitos, que não é comida de verdade, são ainda mais perigosos que a carne”, analisa Belik. “Eles geram impactos à saúde das pessoas além de um gigantesco volume de embalagens (plástico, papel, vidro, alumínio, entre outros resíduos).”

No entanto, reduzir a carne e evitar os alimentos ultraprocessados do cardápio da população brasileira implica uma nova dieta, que, como disse Belik, passa por questões culturais. E as escolhas sobre o que comer não são tão simples, mas determinadas por vários fatores.

Alguns relacionados ao ambiente (disponibilidade, cultura local, mídia), à própria comida (sabor, valor nutricional, aparência) e ao próprio consumidor “seja por fatores biológicos, socioeconômicos, antropológicos ou psicológicos”, acrescenta a nutricionista Marle Alvarenga.

Hábitos que acabam resultando em uma monotonia na dieta brasileira. De norte a sul do país, dez produtos concentram mais de 45% do consumo alimentar: arroz, feijão, pão, carne bovina, frango, banana, leite, refrigerantes, cervejas, açúcar cristal (nessa ordem), segundo dados do relatório [*Um Retrato do Sistema Alimentar Brasileiro e Suas Contradições*](#), publicado em outubro de 2020 e realizado por Walter Belik em parceria com o Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflora), com o apoio do Instituto Ibirapitanga e do Instituto Clima e Sociedade (iCS).



NOS ÚLTIMOS ANOS, OS BRASILEIROS TÊM COMPRADO MAIS REFEIÇÕES PRONTAS OU PRODUTOS PROCESSADOS E ULTRAPROCESSADOS. EM 16 ANOS, ENQUANTO O CONSUMO DE ALIMENTOS IN NATURA TEVE QUEDA DE 7%, OS ALIMENTOS ULTRAPROCESSADOS SUBIRAM 46%. SÓ A COMPRA DE REFEIÇÕES PRONTAS, AS QUE IMITAM LASANHAS E PIZZAS CONGELADAS, POR EXEMPLO, SUBIU 250%, DIMINUINDO A COMPRA DE INGREDIENTES CULINÁRIOS — OS ALIMENTOS QUE SERVEM PARA COZINHAR EM CASA, COMO ARROZ, FEIJÃO, FARINHA DE MANDIOCA E LEITE.

Trecho retirado da pesquisa: *Um Retrato do Sistema Alimentar Brasileiro e Suas Contradições*, realizado por Walter Belik em parceria com o Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (Imaflo), com o apoio do Instituto Ibirapitanga e do Instituto Clima e Sociedade, com base em estatísticas disponíveis até abril de 2020 agregadas à Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2017-2018

“Essa monotonia da dieta brasileira demonstra o desconhecimento da população e a falta de cumprimento de políticas públicas que reconheçam a importância da preservação e do fomento da nossa biodiversidade. As bases naturais e a origem geográfica dos alimentos, assim como a história e a cultura de quem os produz e prepara, têm ficado cada vez mais distantes na memória”, descreve Walter Belik no estudo.

Girar a chave

Nesse caminho que aponta a necessidade de mudanças individuais e coletivas, de conteúdos midiáticos que requerem leitura crítica para ações conscientes, há ainda outro passo a ser dado, segundo Walter Belik. “Diria que é bom informar o consumidor, lógico, quanto mais informação melhor, mas a informação não acompanhada de uma política pública não traz resultados”. Cidades como Belo Horizonte e Curitiba, por exemplo, investem numa política de abastecimento alimentar municipal, segundo a professora Elisabetta Recine. “Mas, infelizmente, usamos apenas essas capitais como exemplo há muitos anos e essa lista precisa aumentar”.

Um exemplo de política pública, dessa vez apontado por Belik, capaz de promover mudanças na alimentação é investir numa educação alimentar nas escolas. “A horta escolar seria um espaço pedagógico muito importante para crianças aprenderem de onde vêm os alimentos. Seria possível aproveitar a horta

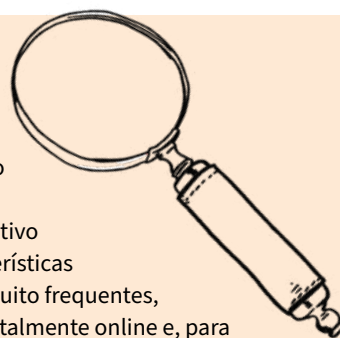
para dar aulas de biologia, de física, de matemática, inclusive de português”, sugere. “Um espaço lúdico que permitiria introduzir alguns temas da educação alimentar para as crianças. Esse tipo de ação acontece em algumas escolas privadas, mas ela deveria ser uma política pública.”

Ainda que essa lacuna seja um grande desafio para um sistema alimentar sustentável, a sociedade civil está se colocando à frente da garantia à alimentação adequada e saudável por meio de várias iniciativas [*leia matéria É logo ali, publicada na Revista E n° 287, de setembro de 2020*]. Ações que aproximam pequenos produtores de consumidores, afetando beneficentemente coeficientes do sistema alimentar, como o transporte, encurtando distâncias e os efeitos climáticos resultantes dessa logística. São iniciativas que ainda ajustam o foco para o manejo consciente de resíduos e desenvolvem tecnologias verdes e sociais [*leia matéria publicada na Revista E, n° 298, de agosto*].

Hoje, enquanto enfrentamos um dos piores cenários de insegurança alimentar no país e no mundo, o combate à fome não se fará dissociado de transformações que visem à redução de impactos sobre as mudanças climáticas, ao cuidado com a saúde das pessoas e à construção de relações sociais justas e equitativas. “A gente tem que olhar o prato e perceber a terra onde o alimento foi produzido, como era a semente, quais as condições de trabalho e de vida das pessoas que cultivaram esse alimento, olhar para o impacto na terra, na água. A gente tem que ampliar a oferta de informação que, eventualmente, vai virar conhecimento e prática para além do prato”, resume a professora Elisabetta Recine.

Lupa da alimentação

Um dos maiores estudos científicos sobre alimentação e saúde já realizados no país, o NutriNet é coordenado pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde (Nupens) da Faculdade de Saúde Pública (FSP) da Universidade de São Paulo (USP) com o apoio de diversas universidades e centros de pesquisa brasileiros. O objetivo é acompanhar 200 mil pessoas de todas as regiões do país, a fim de identificar características da alimentação brasileira que aumentam ou diminuem o risco de doenças crônicas muito frequentes, como obesidade, diabetes, hipertensão, doenças do coração e câncer. A pesquisa é totalmente online e, para participar, basta fazer um cadastro no site. Qualquer adulto residente no Brasil pode responder aos questionários sobre alimentação, hábitos de vida e condições de saúde, que ficam disponíveis no site a cada três meses (o próprio Estudo NutriNet envia os lembretes por e-mail e/ou SMS). Saiba mais: <https://nutrinetbrasil.fsp.usp.br>.



Comida é **SAÚDE** e **CULTURA**

OFICINAS, CURSOS, BATE-PAPOS
E OUTRAS ATIVIDADES ONLINE
MIRAM DIFERENTES ASPECTOS
E PERSPECTIVAS SOBRE O QUE
LEVAMOS À MESA

Realizado desde 2017 pelo Sesc São Paulo, o projeto *Experimenta! Comida, Saúde e Cultura* busca promover a alimentação adequada e saudável e ampliar a autonomia em torno das escolhas alimentares. Para isso, uma programação anual, composta por bate-papos, oficinas, cursos e outras atividades, convida nutricionistas, sociólogos, antropólogos, chefs, agrônomos, cozinheiros, psicólogos, agricultores, entre outros especialistas, para debates e práticas sobre alimentação. Nesta quinta edição, realizada entre os dias 16 e 24 de outubro, o *Experimenta!* vai abordar o universo da alimentação e suas conexões com a saúde e a cultura em uma programação totalmente online, nos canais digitais do Sesc São Paulo e de suas unidades.

“Temas relacionados ao desenvolvimento de habilidades culinárias, valorização das diferentes expressões das culturas alimentares, abordagem do sistema alimentar na sua integralidade, entre outros, pautam as ações”, conta Marcia Bonetti Sumares, gerente da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc São Paulo. Integralmente digital, “a programação reunirá atividades em salas virtuais, priorizando a troca de experiências em grupo, e contará também com outros conteúdos online que levantam diferentes pontos de vista sobre temas atuais relacionados à alimentação”, complementa Bonetti. A programação completa pode ser acessada em sescsp.org.br/experimenta.

Confira alguns destaques da programação:



Cláudio Calapota

OFICINA

Mãozinhas na terra: Horta em casa para crianças

Nesta oficina realizada pelo **Canto da Horta**, as crianças irão aprender de maneira lúdica diversas dicas para o cultivo de alimentos a partir daqueles que já estão na nossa cozinha no dia a dia, como salsinha, cenoura, batata-doce e tomate. De forma simples, é trabalhada a ideia de sustentabilidade e as crianças poderão observar o crescimento das plantas em suas casas, estando assim mais conectadas com o meio ambiente e com o próprio alimento. (Dia 17/10, às 10h, pela plataforma de videochamada Zoom. Inscrições a partir de 8/10).

PALESTRA E MEDITAÇÃO GUIADA

Alimentação: Vínculo e Conexão com a Vida

Nessa ação, a nutricionista e escritora Renata Pinotti Alves fala sobre a necessidade da reconexão com diferentes aspectos que envolvem a alimentação e a nutrição. Um movimento que abarca o corpo, a natureza, as pessoas que cultivam os alimentos e a forma como são preparados, bem como a maneira como são feitas as refeições. (Dia 20/10, às 19h, pela plataforma de videochamada Zoom. Inscrições a partir de 8/10).

LIVE

Alimentação Saudável para Todos: Nossas Escolhas São Nosso Futuro

Neste encontro, o professor Titular do Departamento de Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) Carlos Monteiro, o representante adjunto da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) no Brasil, Gustavo Chianca, e o geógrafo e agricultor Arpad Spalding, que atua na implementação e disseminação da agricultura urbana e orgânica, irão falar sobre as perspectivas, estratégias e conjunto de ações que visam garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada. Com mediação de Joana Pellerano, essa live também colocará em pauta os desafios contemporâneos relativos ao sistema alimentar na sua integralidade, tais como: a prevalência da fome e a coexistência da obesidade; o crescimento da população mundial; o desperdício de alimentos e a falta de acesso à comida de qualidade. (Dia 19/10, às 16h, no canal do [YouTube do Sesc São Paulo](#)).

CURSO

Culinária Afrodiáspórica

O que é a cultura culinária afrodiáspórica? Nesse curso dividido em quatro encontros, os participantes aprenderão sobre os alimentos que fazem parte dessa cultura, suas histórias e origens, bem como técnicas culinárias africanas e a importância da oralidade na transmissão desse conhecimento aos herdeiros da diáspora nas Américas. Também será abordado o impacto desta culinária sobre a autoestima dos quilombolas, a partir de uma apresentação bibliográfica de obras que abordam o assunto e servem de base para estudos aprofundados. No primeiro encontro, a chef, professora e pesquisadora Aline Chermoula irá apresentar o conceito de cozinha da diáspora africana pelas Américas, a origem dos alimentos dessa cultura culinária e técnicas culinárias de origem africana. (Dia 23/10, às 10h, pela plataforma de videochamada Microsoft Teams. Inscrições a partir de 15/10).

Autoretrato



Carlo Gerardi

Combate urgente **CONTRA A FOME**

CAMPANHA INCENTIVA DOAÇÕES DE ALIMENTOS ÀS CAMADAS SOCIAIS MAIS VULNERÁVEIS

Neste exato momento, há muita gente, no Brasil, que não sabe se fará a próxima refeição ou se terá algo para comer hoje. Já são mais de 116 milhões e 840 mil brasileiros em estado de insegurança alimentar, segundo a **VigiSAN - Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil**, realizada pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan). Diante dessa realidade, o Sesc SP, por meio do programa Mesa Brasil Sesc São Paulo, que há mais de duas décadas une empresas doadoras e instituições sociais cadastradas, contribuindo para a redução da condição de insegurança alimentar de crianças, jovens, adultos e idosos e a diminuição do desperdício de alimentos, agrega mais doadores com a campanha *Ação Urgente contra a Fome*.

“O combate à fome e ao desperdício de agrega-se agregam à essência do Programa Mesa Brasil Sesc São Paulo desde sua criação, há mais de 26 anos. Para atender às demandas emergenciais impostas pela pandemia, o Mesa estendeu seu atendimento a 120 mil famílias assistidas pelas instituições sociais cadastradas no programa, reforçou ações de captação e distribuição de cestas básicas e mais recentemente iniciou a campanha *Ação Urgente contra a Fome*, que, em parceria com o Senac São Paulo e com apoio dos Sindicatos do Comércio Varejista, chama toda a sociedade para a doação direta de alimentos não perecíveis nas unidades do Sesc e do Senac da capital, interior e litoral”, destaca Marcia Bonetti, da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar do Sesc São Paulo.

2021
+ de 2 milhões e 425 mil kg de alimentos arrecadados de janeiro a agosto

2020
+ de 7 milhões e 200 mil kg de alimentos foram arrecadados de março a dezembro

Fonte: Mesa Brasil Sesc São Paulo

Como doar?

Basta levar qualquer quantidade de alimentos não perecíveis até uma unidade do Sesc ou do Senac na capital, Grande São Paulo, interior e litoral. Podem ser doados arroz, feijão, leite em pó, óleo, fubá, sardinha em lata, macarrão, molho de tomate, farinha de milho, farinha de mandioca, cestas básicas, entre outros itens. Saiba como: sescsp.org.br.

se você é proprietário ou trabalha em uma empresa do ramo alimentício (como supermercado, restaurante, padaria, distribuidora, indústria ou central de abastecimento etc.) é possível fazer a doação solidária de alimentos, ou ainda destinar produtos que perderam valor comercial, mas continuam adequados para consumo. A equipe do Mesa pode ir até a sua empresa para retirar as doações. Acesse: mesabrasil.sescsp.org.br/seja-uma-empresa-doadora.

Quem recebe?

Atualmente, cerca de 1.200 instituições sociais são atendidas pelo Mesa Brasil no Estado de São Paulo, como abrigos, creches e centros de convivência para idosos. As instituições são cadastradas a partir de critérios rigorosos e acompanhadas pela equipe de nutricionistas do programa. Todas desenvolvem um trabalho assistencial sério e gratuito para a população. Nesse período de pandemia, as instituições que não estão recebendo pessoas presencialmente realizam a distribuição das doações para as famílias atendidas. Conheça os critérios para cadastramento de instituições: mesabrasil.sescsp.org.br/receber/.

Confira mais informações: mesabrasil.sescsp.org.br/ e doemesabrasil.sescsp.org.br/.



BIENAL SESC DE

DANÇA

2_10 OUT 2021

A pluralidade de corpos
e estéticas da dança
contemporânea em
investigações de artistas
brasileiros e estrangeiros

Ações cênicas, atividades
formativas e mostras audiovisuais

Programação 100% on-line

Acompanhe em
sescsp.org.br/bienaldedanca
youtube.com/sescsp

Apoio



Apoio Institucional



Realização




Versos agrestes

O POETA E DIPLOMATA JOÃO CABRAL DE MELO
NETO GRAVOU EM PALAVRAS A ALMA DO SERTÃO

A concretude delineou seu ofício com as palavras. Avesso ao sentimentalismo na criação poética e antilírico por definição, João Cabral de Melo Neto era, no mundo, na vida, um homem sensível, de alma polivalente e profundamente interessado nas questões sociais brasileiras. O poeta pernambucano, considerado um dos nomes mais importantes da literatura em língua portuguesa do século 20, construiu com muito engenho uma obra marcada pelo rigor na composição, mas nem por isso afugentou as novas gerações. Pelo contrário: o autor, cujo centenário foi celebrado no ano passado, continua a atrair leitores, com a arquitetura cuidadosamente trabalhada de seus versos.

Foi nas cidades de Recife e Sevilha (no sul da Espanha), que ele enlaçou memórias e provou a plenitude existencial – nesta ordem. Nasceu em 1920, na capital entrecortada pelos rios Capibaribe e Beberibe, onde também passou a juventude. Parte da infância, João Cabral atravessou brincando nos engenhos da família, nos municípios de São Lourenço da Mata e Moreno, próximos à capital pernambucana. Os cenários de um passado colonial, que impulsionaram a economia açucareira nordestina por séculos, o acompanharam até o fim da vida.

Mesmo reservado, o pequeno João Cabral já dava mostras de uma personalidade singular. Em 1935, por exemplo, foi campeão juvenil de futebol pela equipe do Santa Cruz, embora fosse torcedor do Clube América, o alviverde recifense. Os gramados só perderam o promissor meio-campo para a diplomacia anos mais tarde, quando, já no Rio de Janeiro, ingressou no Ministério das Relações Exteriores. Serviu em Londres, Porto (Portugal), Genebra (Suíça) e Paris, entre outras terras.



O poeta e diplomata pernambucano João Cabral de Melo Neto em 1970, aos 50 anos





Arquivo da família - Verso Brasil Editora

Acompanhado da primeira esposa, Stella Maria, e dos filhos Luís, Inez e Rodrigo (da esquerda para a direita), na cidade de Carpina (PE), em 1950. A imagem faz parte da *Fotobiografia João Cabral de Melo Neto* (Verso Brasil Editora), organizada por Eucanaã Ferraz e Valéria Lamego

SEVILHIZAR O MUNDO

Na monumental Sevilha, capital da região da Andaluzia, no sul da Espanha, João Cabral cumpriu funções diplomáticas rodeado por palácios de arquitetura moura, testemunhas dos séculos da presença árabe na Península Ibérica. Chegou no verão de 1958 e foi arrebatado. Era, até então, cônsul-geral do Brasil em Barcelona, na Catalunha (leste do país), e tinha publicado três de seus livros: *Pedra do Sono* (1942), *Os Três Mal-Amados* (1943) e *O Engenheiro* (1945).

Aquela altura, o poeta e diplomata – funções também desempenhadas por outros intelectuais

latino-americanos, como o mexicano Octavio Paz (1914-1998), o chileno Pablo Neruda (1904-1973) e os brasileiros Raul Bopp (1898-1984) e Vinicius de Moraes (1913-1980) – já havia encontrado na Espanha o eixo de sua criação. “Outras geografias comparecem em sua obra, mas de modo bem menos ▶

Na página a seguir, João Cabral de Melo Neto durante a cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 6 de maio de 1969. O poeta foi eleito por unanimidade para ocupar a cadeira de número 37, que pertenceu ao jornalista Assis Chateaubriand (1892-1968)

Linhas concretas

ESCRITOR É EXALTADO
COMO UM DOS MAIORES
DA POESIA BRASILEIRA

O poeta engenheiro fez parte, formalmente, da terceira geração modernista no Brasil, conhecida como Geração de 45. No entanto, como explica o crítico literário Antonio Carlos Secchin, semelhanças e assimetrias podem ser apontadas entre o pernambucano e seus pares. “Uma afinidade é a recusa ao que era considerado um vale-tudo facilitador do modernismo (o *poema-piada*, por exemplo). Cronologicamente, Cabral pertence à Geração de 45. Mas, se todos se encontram no que rejeitam, os poetas se separam no que afirmam. O traço regionalista, a preocupação com a História, o apego ao concreto são marcas cabralinas pouco localizáveis em seus contemporâneos”, comenta.

Pertencem ao grupo, no campo da prosa, representantes de duas vertentes. A primeira, calcada na produção de viés psicológico, é exemplificada nas obras de Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector (1920-1977). Como contraponto, há o trabalho de vasta reinvenção da linguagem e de ambientação sertaneja sintetizado na obra de João Guimarães Rosa (1908-1967).

Secchin ressalta ainda que, junto a Manuel Bandeira (1886-1968) e Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), o autor de *O Cão sem Plumas* (1950) faz parte de um consenso literário nacional: “Cabral já é um clássico, integrando a ‘santíssima trindade’ da poesia brasileira do século 20. Nada podemos arriscar sobre a recepção do futuro, mas, hoje, *Morte e Vida Severina* é o livro de maior sucesso em toda a história de nossa literatura”.

*Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).*

(Excerto de *Morte e
Vida Severina*, 1955)

- ▶ intenso. Destacaria ainda os poemas equatorianos, dedicados não especificamente a Quito, mas à paisagem andina”, reflete o poeta, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) Antonio Carlos Secchin, estudioso da poesia cabralina há mais de quatro décadas.

AMIGOS DE UMA VIDA

Tempos antes, no período em que viveu em Barcelona, o jovem diplomata circulou entre o grupo da revista vanguardista *Dau al Set*, formada por artistas radicais e opositores do franquismo, regime ditatorial vigente na Espanha de 1939 a 1976. Entre eles, estavam nomes como o do pintor Antoni Tàpies (1923-2012) e o do poeta Joan Brossa (1919-1998). Essa atmosfera fez nascer uma duradoura amizade, iniciada em 1947, entre o pernambucano e o célebre artista catalão Joan Miró (1893-1983), pintor, gravador e escultor de linha surrealista. ▶





Na cidade de Quito, capital do Equador, onde atuou como embaixador nos anos 1978 e 1979. Essa e outras mais de 500 imagens estão reunidas na *Fotobiografia João Cabral de Melo Neto*, publicada neste ano pela Verso Brasil Editora

Arquivo da família | Verso Brasil Editora

Novos verbos

PESQUISADORA LOCALIZA
53 POEMAS INÉDITOS E
DISPERSOS EM MEIO AO
ACERVO DO AUTOR

Nas pesquisas desenvolvidas para sua tese de doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a professora e pesquisadora Edneia Rodrigues Ribeiro localizou materiais inéditos e dispersos no inventário do poeta João Cabral de Melo Neto. Os documentos – que se encontram no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMBL), da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro – constituem um “verdadeiro tesouro a ser escavado”, conforme explica a docente. “Concluímos que, além de uma conferência inédita (*A Poesia Brasileira*), havia artigos de jornal, programas de rádio, dezenas de poemas inéditos, alguns manuscritos de difícil entendimento e outros datiloscritos (textos redigidos com máquina de escrever) bem organizados, aguardando por leitores”, acrescenta.

Assim, esse material foi incluído na publicação *Poesia Completa* (2020), organizada por Antonio Carlos Secchin (*leia boxe* Lapidar a pedra). Ao todo, 53 poemas inéditos e outros dispersos vieram a público. “À medida que a pesquisa avançava, fui me surpreendendo com a quantidade de material (original). Jamais poderia supor que um autor tão estudado ainda tivesse textos desconhecidos (do grande público)”, diz a pesquisadora.

Na condição de leitora apaixonada pelos versos de João Cabral, a descoberta dos poemas foi o que mais impactou Edneia. “Tanto pela quantidade quanto pelas temáticas abordadas. Em muitos deles, como em *Poema Genealógico*, *Deus e a Nascimento*, *A Deus, Natural do Rio, São Paulo e Centro-Sul*, e na série de quatro poemas intitulada *Memórias de um Cônsul*, por exemplo, surge uma faceta irônica e jocosa que o poeta sério e cerebral, muitas vezes, preferiu ofuscar”, pontua a professora.

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

(Poema *Tecendo o Amanhã*, do livro
A Educação pela Pedra, 1966)

- Nos anos anteriores à sua morte, ocorrida em 1999, João Cabral saía pouco de seu apartamento no bairro do Flamengo, na zona sul do Rio. “Imortal” da ABL, também deixou de frequentar as reuniões da Academia. O exílio se deu por causa da cegueira, que o impedia de fazer o que mais lhe dava prazer – ler e escrever. O poeta se considerava uma pessoa cuja sensibilidade estava no campo visual, e por isso não conseguira se adaptar ao método de ditar os textos, como fez o colega argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), que começou a perder a visão ainda na infância, por conta de um problema degenerativo herdado do pai.

O reflexo da relação do poeta com as artes plásticas, especialmente a pintura, permeou os rumos de suas composições e proporcionou um intercâmbio entre as duas formas de expressão. “Cabral considerava a pintura como a maior das artes. O caráter plástico de suas imagens é evidente. Ele escreveu, ainda, um excelente ensaio sobre Miró, em que, muitas vezes, parece estar falando de sua própria criação poética”, analisa Secchin. “Mas, pelo rigor da composição pictórica, é com [o modernista holandês] Piet Mondrian (1872-1944) que ele apresenta maior afinidade.” ■

Lapidar a pedra

OS TRABALHOS EMBLEMÁTICOS E
AS HOMENAGENS QUE DÃO NOVOS
ARES AO LEGADO CABRALINO

A passagem dos 100 anos de João Cabral de Melo Neto, em 2020, reavivou os olhares para a obra do poeta pernambucano. Conheça seus principais livros e os lançamentos que celebram a data:

Joan Miró (1950)

A obra, ilustrada, é um ensaio-homenagem ao pintor e amigo espanhol. João Cabral tece observações sobre a obra de Miró, em uma época em que o artista catalão sentia na pele a perseguição da ditadura de Francisco Franco.

O Cão sem Plumias (1950)

O longo poema, publicado em Barcelona, leva para os versos a cidade natal do poeta, Recife. João Cabral afirmou ter composto o trabalho sob o impacto da notícia de que a expectativa de vida na capital pernambucana era de apenas 28 anos na época, abaixo até da Índia, onde tal índice era de 29 anos. Em 2017, a Companhia de Dança Deborah Colker criou o espetáculo *Cão sem plumias*, baseado nesta obra.

Morte e Vida Severina (1955)

A obra mais social e popular do poeta. O auto de Natal regionalista retrata a condição de miséria e morte do retirante nordestino. Rendeu espetáculos para o teatro, como a premiada montagem de 1966, musicada pelo cantor e compositor Chico Buarque. Foi tema de um teleteatro musical realizado e exibido pela TV Globo em 1981 e dirigido por Walter Avancini. Também foi adaptado para o cinema por Zelito Viana em 1977 e ganhou uma animação realizada por Afonso Serpa em 2010.



Reprodução

Uma Faca Só Lâmina (1955)

Contém um único poema, que mantém igual estrutura formal. Publicado, originalmente, em *Duas Águas*, coletânea de obras do autor.



Reprodução

A Educação pela Pedra (1966)

Lançado em um período conturbado da história brasileira, com o endurecimento da ditadura militar. O poeta recebeu o Prêmio Jabuti pelo poema que dá título ao livro.



Reprodução

Museu de Tudo (1975)

O trabalho possui grande variedade temática e reúne 80 poemas aparentemente díspares, escritos em épocas distintas.

A Escola das Facas (1980)

Publicado enquanto João Cabral ocupava o posto de embaixador no Equador, abarca 44 poemas que trazem Pernambuco, o rio, o sertão, o povo e os canais como temáticas.

Auto do Frade (1984)

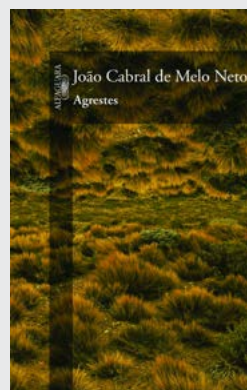
Na obra, o autor narra o momento em que Frei Caneca, símbolo máximo da Revolução Pernambucana (1817), é levado à execução, em 1825.



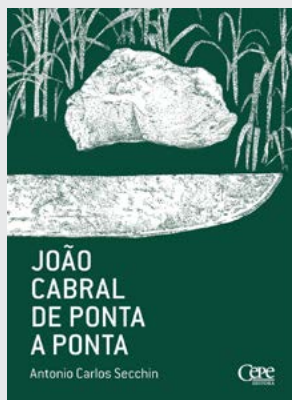
Reprodução

Agrestes (1985)

João Cabral escreve sobre Recife e Sevilha, além de relatar suas impressões como embaixador na África e na América Latina, entre outros temas.



Divulgação



Divulgação

Sevilha Andando (1990)

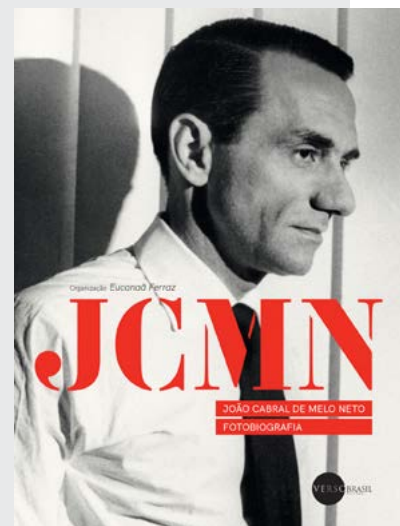
A obra, seu 19º livro de poesias, é uma ode ao encantamento com a região de Andaluzia, especialmente suas antigas ruas e a força da personalidade do povo sevilhano.

João Cabral de Ponta a Ponta (2020)

O crítico Antonio Carlos Secchin reúne um conjunto de textos dedicados ao poeta e produzidos ao longo de quatro décadas de pesquisas. A obra inclui, ainda, um estudo inédito.

Fotobiografia João Cabral de Melo Neto (2021)

Reproduz, a partir de cerca de 500 imagens e manuscritos inéditos, a trajetória de João Cabral enquanto poeta, diplomata, pai, amigo e editor. Editado pela Versa Brasil, o livro foi organizado pelo poeta Eucanaã Ferraz e tem a coordenação geral da pesquisadora Valéria Lamego.



Divulgação

João Cabral de Melo Neto – Poesia Completa (2020)

Para comemorar o centenário do pernambucano, a edição traz textos póstumos, dispersos e inéditos, organizados por Antonio Carlos Secchin e com colaboração de Edneia Ribeiro.



Divulgação

Fantasiar as palavras

A PAISAGEM ZERO, DISCO DE HELÔ RIBEIRO, SE DEBRUÇA SOBRE A PRIMEIRA FASE DO ESCRITOR

Em seu novo álbum, *A Paisagem Zero* (Selo Sesc), a cantora, compositora e percussionista corporal paulistana Helô Ribeiro mergulhou nos poemas de *Pedra do Sono* (1942) e *O Engenheiro* (1945), de João Cabral. “Eles são fortemente visuais e passeiam por uma atmosfera onírica. Sentia que estava assistindo a um filme psicodélico ao lê-los, o que despertou em mim o desejo de musicá-los. O universo do sonho me fascina”, afirma a artista, integrante do grupo Barbatuques.

Ao propor esse olhar, Helô levou para o trabalho um clima predominantemente urbano e pop, criando uma mistura do nordeste cabralino com o cenário paulistano. Os dez poemas escolhidos e musicados por ela tiveram processos diferentes de composição. A música que dá título ao álbum, por exemplo, foi feita de uma só vez, com acordes que se repetem de forma circular e mântica.

Sobre o processo criativo, a compositora detalha: “Assisti a uma entrevista em que ele diz que gostaria que seus leitores, ao lerem seus poemas, sentissem os solavancos de quem está andando de carro sobre uma rua muito esburacada. O curioso é que esses tais solavancos chegaram a mim como inspiração rítmica, e os versos já me sugeriam melodias e harmonias. Parecia que tudo já estava lá, nos poemas, subjacente às palavras, e que a mim cabia apenas desvelar um segredo ali escondido”.

A artista canta em todas as faixas, além de tocar flauta transversal, na companhia de Dustan Gallas (guitarras e teclados), Thomas Harres e Samuel Fraga (baterias), Cuca Ferreira, Amilcar Rodrigues e Douglas Antunes (metais), e Zé Nigro (baixo), que também assina a produção do disco.

Para ouvir *A Paisagem Zero*, de Helô Ribeiro, acesse: sesc.digital/colecao/apaisagemzero.

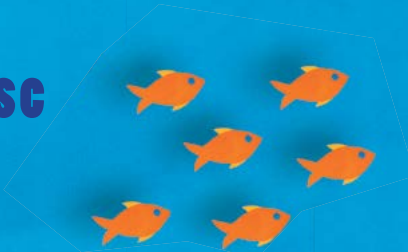


Divulgação



Claus Lehmann

LANÇAMENTO SELO SESC



ZÉ RENATO & CONVIDADOS

LENINE

GERALDO
AZEVEDO

CORO INSTITUTO
SABENDO MAIS
ESCOLA
NOVA HOLANDA
DA MARÉ

PEDRO
LUÍS

MARINA
ÍRIS

água pras crianças

DISPONÍVEL NAS PLATAFORMAS

Sesc
digital



selo
Sesc

Visite a loja virtual e
conheça o catálogo completo
sescsp.org.br/loja



/selosesc



TEMPO de travessia e REFLEXÃO

FRESTAS – TRIENAL DE ARTES

EXAMINA NOVOS MUNDOS POSSÍVEIS,
SEUS CAMINHOS E SUJEITOS

As conexões entre os modos de existência não dominantes e os percursos que eles são capazes de conceber estão entre as temáticas que permeiam a terceira edição de *Frestas – Trienal de Artes*, cuja exposição está em cartaz no Sesc Sorocaba e em espaços públicos dessa cidade a cerca de 100 quilômetros da capital paulista. Sob o título *O rio é uma serpente*, esta edição reúne 53 artistas e coletivos de diferentes países, entre os quais Brasil, África do Sul, Bolívia, Chile, Colômbia, Peru, Estados Unidos, França e Suíça. São obras que refletem acerca das políticas e poéticas de exibição da arte e que trazem para a prática artística discussões sobre economias de acesso, modos de exclusão e formas de consumo vigentes, além de investigar quais estratégias de solidariedade são viáveis no momento atual.

Dos 53 artistas presentes em *Frestas*, 32 foram convidados a criar obras inéditas para a Trienal. Fazem parte desse conjunto nomes como Jota Mombaça, Gê Viana, Paulo Nazareth, Denilson Baniwa, Vijai Patchineelam, Sallisa Rosa e Ventura Profana, do Brasil, a mexicana Lia García e a holandesa Aimée Zito Lema. Já um grupo de 15 artistas participou do **programa** para desenvolvimento e reflexão sobre seus processos de criação – uma das ações formativas realizadas dentro da programação de *Frestas*, ainda em 2020, ano em que a mostra, originalmente, seria aberta ao público. O cronograma foi modificado devido à pandemia de Covid-19, mas, como decorrência, possibilitou este programa de estudos entre artistas, curadores e equipes do projeto.

Assinam a curadoria Beatriz Lemos, Diane Lima e Thiago de Paula Souza, com assistência de Camila Fontenele e coordenação educativa de Renata Sampaio. “Para que a mostra enfim chegasse ao seu momento de **abertura** (21 de agosto de 2021), foi necessário recalcularem algumas rotas, fabular estratégias e negociações, reimaginar o porvir. Assim, ao desaguar em Sorocaba, *O rio é uma serpente* intui a abertura de um portal que suscita possibilidades, reflexões e diálogos para além do agora”, descreve o trio de curadoria.

NO CURSO DAS ÁGUAS

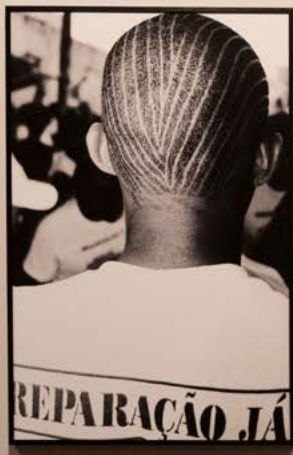
A pesquisa curatorial para esta edição teve início em meados de 2019, com trocas e escutas junto a diferentes agentes culturais atuantes em Sorocaba e região. A ação também abarcou comunidades tradicionais, quilombolas e indígenas do Norte e Nordeste do Brasil – entraram na rota: Boa Vista e a Terra Indígena Raposa Serra do Sol (Roraima), além de Manaus e arredores do Rio Tupana (Amazonas), Belém, Parque Nacional Serra da Capivara (Piauí) e, por fim, São Luís e Alcântara (Maranhão).

As viagens – especialmente os trechos navegáveis, suas curvas, bifurcações e movimentos caudalosos – permitiram aflorar o título da exposição, que circunscreve uma cosmovisão das táticas que a curadoria teve que elaborar (e recriar) durante o trabalho. “Foram as formas serpenteadas por um tempo não linear que nos ajudaram a traduzir as experiências intangíveis dos contratos, conflitos e acordos que vivenciamos, bem como as estratégias de solidariedade praticadas por todos aqueles que fazem parte da plataforma *Frestas*. *O rio é uma serpente* porque [o curso fluvial] se esconde e camufla e, entre o imprevisível e o mistério, cria estratégias em seu próprio movimento”, complementa o trio de curadoria. ■

Jaidier Esbell*. *Entidades*, 2020.

Instalação, dimensões variadas

*Terra Indígena Raposa Serra do Sol,
Normandia (RR), Brasil, 1979. Vive
e trabalha em Boa Vista (RR), Brasil



Zumví Arquivo Afro Fotográfico.

1. Foto produzida na primeira Marcha da Consciência Negra no bairro da Liberdade (Salvador, BA), 2000 | 100 x 65 cm | Fotografia Lázaro Roberto
2. Irmandade do Rosário dos Pretos participando dos festejos do 2 de Julho (Salvador, BA), 2010 | 100 x 60 cm | Fotografia Lázaro Roberto
3. Ato do Movimento Negro na Praça Municipal contra a farsa da abolição no Brasil (Salvador, BA), 1988 | 47 x 100 cm | Fotografia Jônatas Conceição
4. Ato do Movimento Negro na Praça Municipal contra a farsa da abolição no Brasil (Salvador, BA), 1988 | 65 x 100 cm | Fotografia Jônatas Conceição



EM TODA PARTE

MOSTRA REVERBERA EM ESPAÇOS PÚBLICOS DE SOROCABA

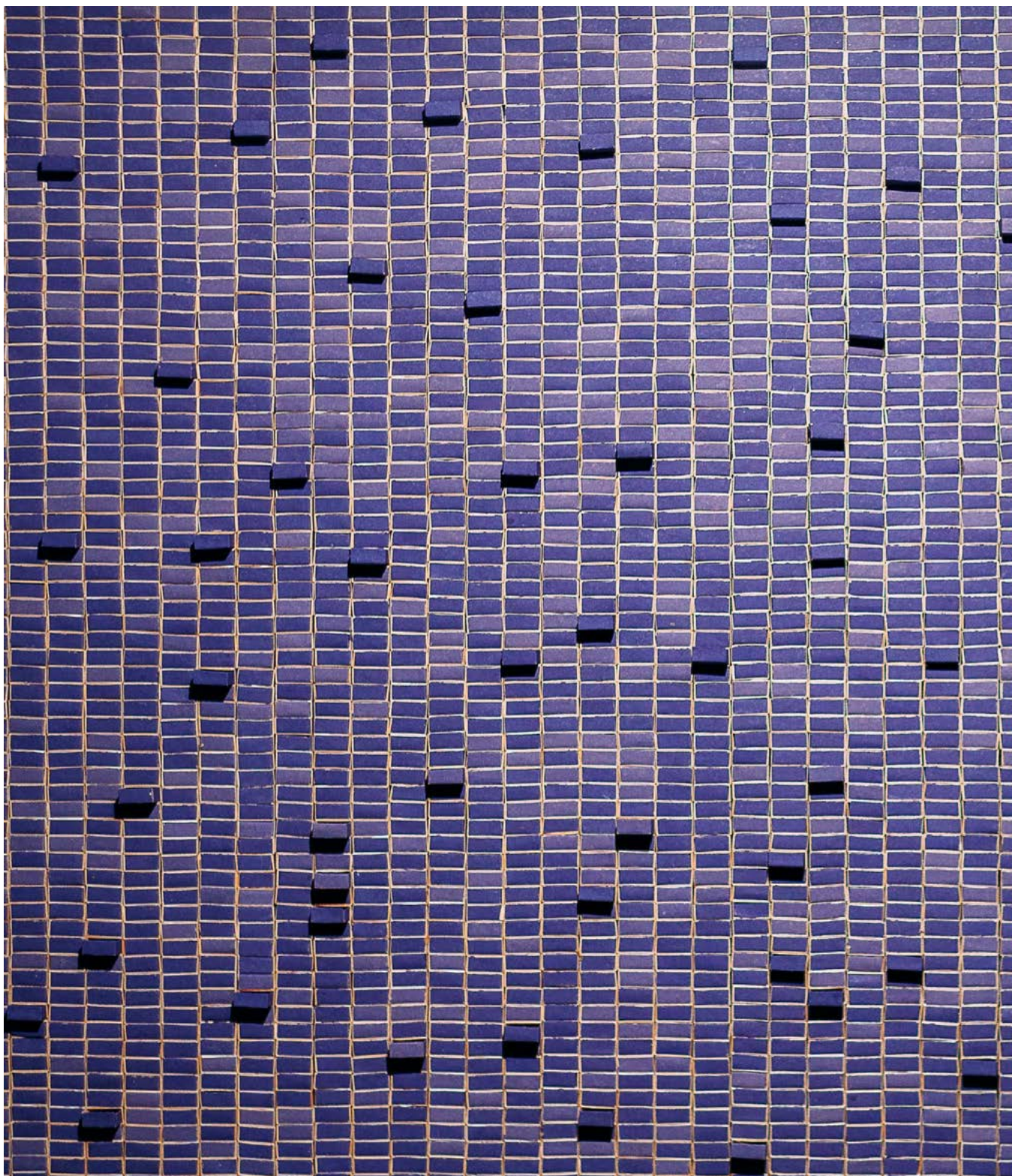
A terceira edição de *Frestas – Trienal de Artes*, que pode ser visitada no Sesc Sorocaba até 30 de janeiro de 2022, como nas mostras anteriores, também aposta na descentralização da cena da arte para o interior do estado, ampliando a proximidade com os espectadores. Ao percorrer a cidade, o público facilmente percebe os ecos da exposição: na ponte estaiada que conecta os edifícios da unidade do Sesc, por exemplo, está a imponente intervenção *Entidades*, do artista indígena da etnia Macuxí Jaider Esbell (Brasil). O Parque da Biquinha, por sua vez, recebe trabalhos de Engel Leonardo (República Dominicana) e de Sallisa Rosa e Sucata Quântica (Brasil). *Pavimento nº 1*, de Jota Mombaça, é uma obra de grande dimensão, sobre o asfalto, em avenida próxima à unidade. E o **Zumví Arquivo Afro Fotográfico** (foto), de Salvador, exibe uma das fotografias de seu acervo em um *outdoor na cidade*. Outro pilar curatorial de *Frestas* é o programa educativo. Uma das iniciativas realizadas em 2020, intitulada **Tópicos para a diferença e a justiça social**, voltou-se para mais de 350 professores da rede pública da cidade e proporcionou a discussão direta com agentes e pesquisadores da educação e da arte de diversas regiões do Brasil, sempre com o objetivo de cogitar novas formas de educação. O foco das discussões esteve na busca do diálogo com temas que atravessam esta terceira edição, como gênero e sexualidade, infância, racismo e diáspora africana.

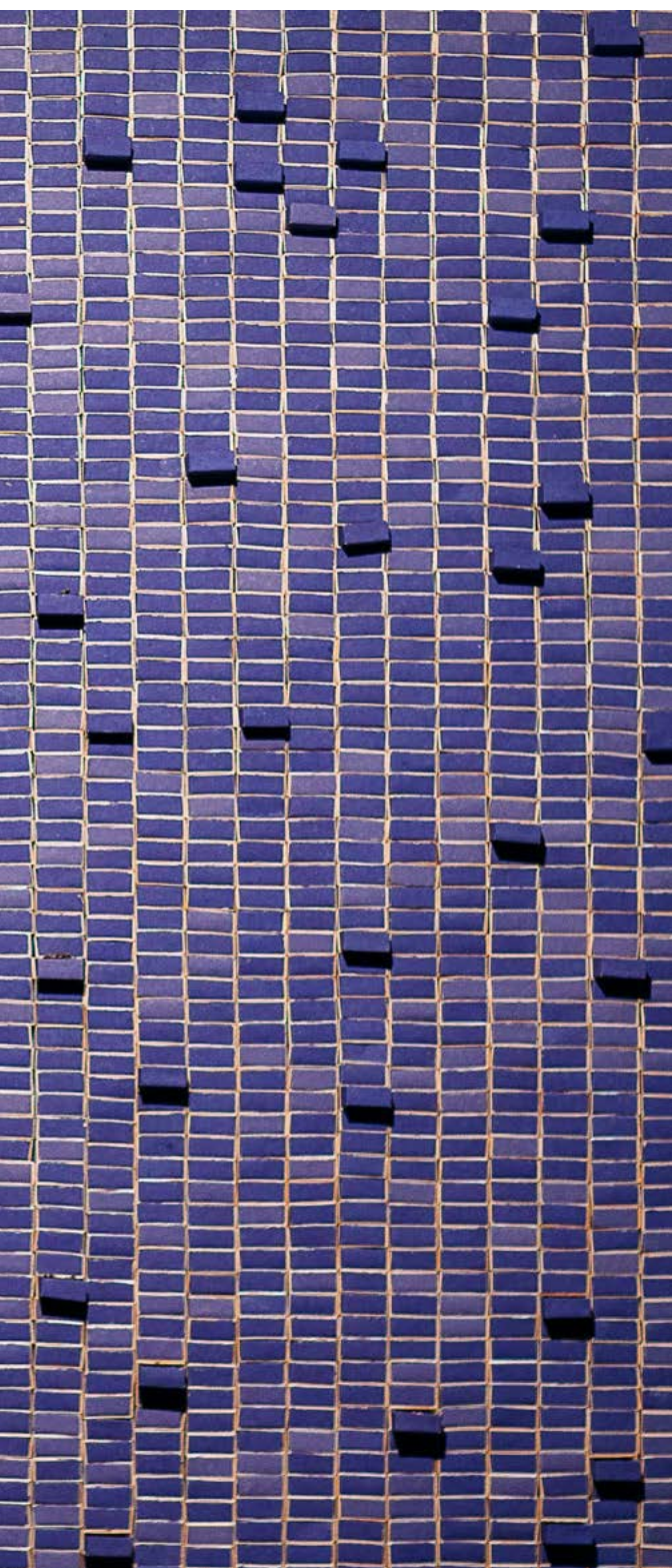




Negalê Jones*. *Cerimonial
matrilinear: homenagem às
matriarcas das primeiras 28
gerações descendentes da Eva
Mitocondrial*, 2021. Escultura,
objeto eletrônico, instalação
sonora, dimensões variadas

*Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 1972.
Vive e trabalha em Magé (RJ), Brasil





Adriano Sobral



Matheus José Maria

Antonio Társis*. *Vermelho como brasa*, 2021. Escultura e instalação, 200 x 400 x 10 cm

*Salvador (BA), Brasil, 1995.

Vive e trabalha entre Salvador (BA),
Rio de Janeiro (RJ), Brasil
e Londres, Reino Unido





Adriano Schiral

Ventura Profana*. *A taça do mundo é nossa*, 2021. Instalação e vídeo, arca em impressão 3D, dimensões variadas
 *Salvador (BA), Brasil, 1993. Vive e trabalha no Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Jonas Van*. *Desambiguação / Crystal ages [Eras de cristal]*, 2021. Instalação e som estéreo em loop. Com Regina Arenas, Zahra Alencar, João Simões, Rao Freitas, Xole Senso, Aretha Sadick. 3D Isadora Stevani

*Fortaleza (CE), Brasil, 1989. Vive e trabalha em Genebra, Suíça

◀ **Paulo Nazareth***. *Sem título*, da série *Sambaki / Monumento*, 2021. Instalação, cacos e fragmentos de cerâmica, louça, vidro

*Governador Valadares (MG), Brasil, 1977.
 Vive e trabalha pelo mundo



Maiteus José Maria





Ana Pi* e **Maria Fernanda
Novo****. Rádio Concha, 2021.
Videoinstalação, emissões de
rádio e livro jogo

*Belo Horizonte (MG), Brasil, 1986.

Vive e trabalha em Paris, França

**Novo Olímpia (SP), Brasil, 1985.

Vive e trabalha em Campinas (SP), Brasil



Matheus José Maria

Rebeca Carapiá*. *Campo elétrico 01: raiva, sal, saúde e tempo*, 2021. Instalação, dimensões variadas
*Salvador (BA), Brasil, 1988. Vive em Salvador (BA), Brasil

Gê Viana*. *Sobreposição da história*, 2021. ►
Instalação, fotografias, fotomontagem, vídeo e objetos, dimensões variadas. Bordado Capitolina dos Santos Melonio, Baixada Boi Linda Joia de São João, Matinha (MA)
*Santa Luzia do Tide (MA), Brasil, 1986. Vive e trabalha em Paço do Lumiar (MA), Brasil



Adriano Schirali



Noara Quintana*
*Belle Époque dos
trópicos*, 2021. Instalação,
dimensões variadas

*Florianópolis (SC), Brasil, 1986.

Vive e trabalha entre
São Paulo, Berlim e Paris



Rommulo Vieira
Conceição*. *Trepa-trepa*,
da série *Estruturas*
dissipativas, 2021.
Instalação, metal,
madeira, vidro, cerâmica e
pintura, 320 x 500 x 240 cm

*Salvador (BA), Brasil, 1968.

Vive e trabalha em
Porto Alegre (RS), Brasil





Adriano Sobral

Paulo Nazareth*. *Sem título*, da série *Sambaki / Assentamento*, 2021. Instalação, cacos e fragmentos de cerâmica, louça, vidro sobre alguidares

*Governador Valadares (MG), Brasil, 1977.

Vive e trabalha pelo mundo



Adriano Sobral





Adriano Sobral

Denilson Baniwa*.
Nhiromi (detalhes),
2020/2021. *Site specific*,
objetos recolhidos em
viagem ao Rio Negro.
Instalação sonora e
projeção de vídeo

*Mariuá, Rio Negro (AM),
Brasil, 1984. Vive e trabalha
em Niterói (RJ), Brasil



Adriano Sobral



Adriano Sobral

Elvira Espejo Ayca*. *Jiwasan amayusa / El pensar de nuestras filosofías*
[*O pensar de nossas filosofías*], 2019. Instalação, dimensões variadas

*ayllu Qaqachaka, Oruro, Bolívia, 1981. Vive e trabalha em La Paz, Bolívia



Adriano Sobral

Detalhe de *Jiwasan amayusa / El pensar de nuestras filosofías* [*O pensar de nossas filosofías*], 2019.



Jaider Esbell*. *Makunaimi Parixara*, série *Transmakunaimi: o buraco é mais embaixo*, 2020. Acrílica e posca sobre tela, 100 × 100 cm

*Terra Indígena Raposa Serra do Sol, Normandia (RR), Brasil, 1979.

Vive e trabalha em Boa Vista (RR), Brasil

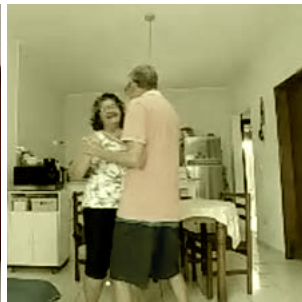




Nohemi Pérez*. Panorama
Catatumbo. Carvão sobre
tela, 180 x 500 cm

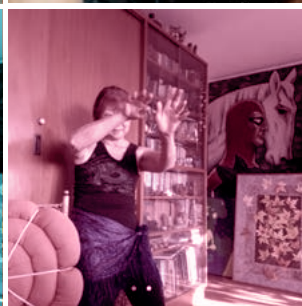
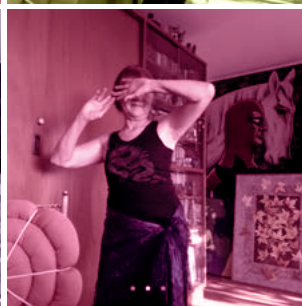
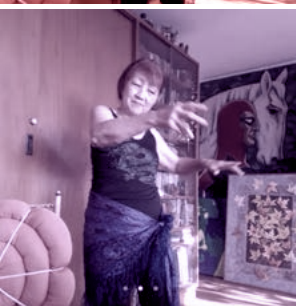
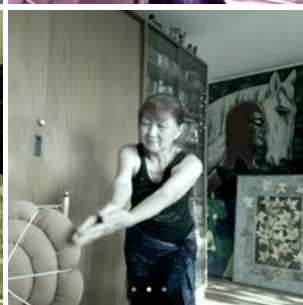
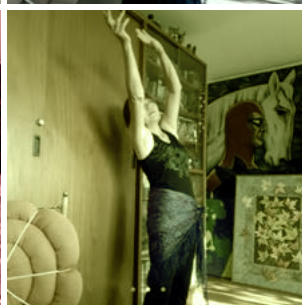
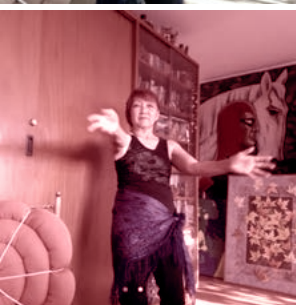
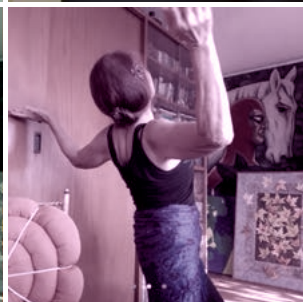
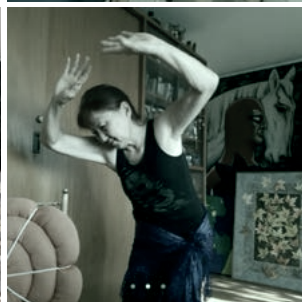
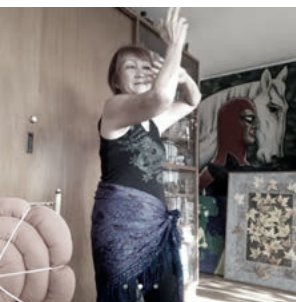
*Tibú, Colômbia, 1962.

Vive e trabalha em
Bogotá, Colômbia



Fotos: Adriana Vichi

Autoretrato



Longevidade pela ARTE

PRÁTICA DE ATIVIDADES

ARTÍSTICAS NA VELHICE

DERRUBA PRECONCEITOS E PROMOVE

BENEFÍCIOS À SAÚDE FÍSICA E MENTAL



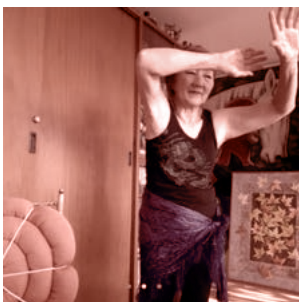
“Como vou fazer aula de dança se tenho dois pés esquerdos?”, questionava-se Luzia Cotrim, de 64 anos, enquanto Sumiko Arimori, de 76, acreditava que balé se aprende apenas “quando criancinha”.

Apesar dessas barreiras erguidas ao longo do tempo e repetidas em frases como “não sou capaz” ou “não tenho idade para isso”, ambas tomaram coragem e se lançaram na arte do movimento, embaladas pelo ritmo. Como resultado, disseram experimentar maior disposição e equilíbrio físico. Seja pela prática ou pela fruição, a arte é, como já disse o psicanalista Christian Dunker, “uma fonte de saúde mental” (leia a seção [Encontros publicada na Revista E nº 286, de agosto de 2020](#)). As histórias de Luzia e de Sumiko tornam-se cada vez mais comuns entre mulheres e homens acima dos 60 anos, porque essa faixa etária da população brasileira vem se apropriando do direito à cultura e ao lazer.

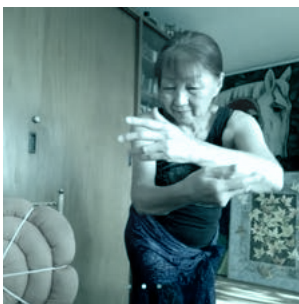
Segundo o relatório [Idosos no Brasil II – Vivências, Desafios e Expectativas na 3ª idade](#), realizado pelo Sesc São Paulo em parceria com a Fundação Perseu Abramo, e publicado em fevereiro de 2020, 58% da população idosa afirma que tem mais possibilidade de lazer do que tinha antes de completar 60 anos. Além disso, 90% dos entrevistados disseram: “Eu sei melhor do que ninguém como e com o que gosto de me divertir”.

“Eu achava que tudo tinha idade. E que a gente que é mais velho tinha que dançar ‘música de velho’ e que, nessa idade, ficaria ridículo fazer algumas coisas. Mas, quando começamos a fazer as aulas de dança, nossa professora mostrou que todos somos capazes, que não tem idade certa, desde que se tenha disposição e boa vontade. A dança é para todos”, conta Luzia, que fez uma oficina de balé em outubro de 2020, pela programação virtual da *Mostra Sentidos – A Longevidade pela Arte* (leia [boxe Provocar sentidos](#)).

Assíduos frequentadores do Sesc Bertioga, Luzia e o marido, Manuel da Silva Paiva, de 71 anos, aprenderam a utilizar os recursos do smartphone para fazer as aulas junto aos colegas, cujas idades variavam entre 60 e 90 anos. “Fizemos pelo celular, aquela imagem pequenina, mas, mesmo assim, foi muito bom”, compartilha Luzia. Manuel, que já gostava de dançar, destacou outra vantagem: “Me diverti muito porque a gente estava dentro de uma gaiola, se sentindo preso, e as aulas só me fizeram bem”.



Participantes de oficinas online da *Mostra Sentidos 2020*, Sumiko Arimori e o casal Luzia Cotrim e Manuel da Silva Paiva acreditam que dançar, cantar, escrever ou realizar outras atividades artísticas promovem qualidade de vida.



DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ

Sumiko Arimori também teve que derrubar a barreira do “não posso” e “não tenho idade para isso” ao dar uma chance às aulas de dança, mesmo que não lhe saísse da cabeça a imagem de levar a sobrinha para as aulas de balé e assistir às apresentações dela. “A gente não ficava na ponta dos pés, mas a preparação, a ginástica, a orientação da professora foi algo muito bom. Ajuda no envelhecimento mesmo: ensina você a ter equilíbrio, a perceber o modo como vai usar o pé, como a sola ‘suga’ o chão, como se fosse uma ventosa. Começamos a nos perceber melhor”, explica.

Depois da experiência, Sumiko fez aulas online de ritmos brasileiros e, para além de se beneficiar física e mentalmente com a dança, ela conta que fez novas amizades. “Nessas atividades, você vai conhecendo as pessoas também, formando grupos. E, quando a gente fica online, parece que está longe, mas a gente fica tão perto porque se fala mais e mantém contato. E se alguém fala: ‘Eu não sei’, ‘Nunca fui boa nisso’, a gente se estimula, uma puxa a outra”, complementa.

Hoje, quando não está em uma aula de yoga online, Sumiko está na internet participando de um clube de leitura – o próximo livro que ela vai ler é *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco –, criando um podcast, escrevendo sua biografia, bordando, desenhando... “Em cada coisa que a gente faz, a gente se realiza e se diverte. Viramos crianças, artistas, ainda mais com a idade, que ajuda muito, pois a autocritica diminui. Quando você é mais jovem, está na ativa, trabalhando, tem muitas responsabilidades, mas na nossa idade tudo é lucro, e a gente se atreve mais, se joga mais”, avalia.

Para a bailarina, coreógrafa e professora Mônica Monteiro, que trabalha com dança e coordenação motora para a longevidade e realizou uma oficina na *Mostra Sentidos 2020*, as práticas artísticas desenvolvem um diálogo saudável com o processo de envelhecimento. “Essa coisa de usar a imaginação, acho que a arte dá isso para a gente. Ela te dá outro plano, outra possibilidade, algo que nos deixa mais vivos”, resume. ■

Provocar sentidos

DEBATES E OFICINAS VIRTUAIS DE TEATRO E DANÇA COMPÕEM PROGRAMAÇÃO DEDICADA A REFLEXÕES SOBRE ENVELHECIMENTOS E DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

Há 30 anos, a Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu que em 1º de outubro seria celebrado o Dia Internacional do Idoso, com a finalidade de sensibilizar a sociedade para as questões do envelhecimento e de evidenciar a legislação de proteção à pessoa idosa. O Sesc São Paulo reverbera essa data, dando início à programação da *Mostra Sentidos – A Longevidade na Arte*. A ideia é contribuir para a desconstrução de discriminações relacionadas ao processo de envelhecer. Uma ação que faz parte do Trabalho Social com Idosos (TSI) do Sesc São Paulo, criado 1963, referência precursora na construção de programações socioeducativas voltadas especificamente para pessoas idosas.

“O Dia Internacional do Idoso tem como objetivo sensibilizar a sociedade para as questões do envelhecimento, assim como para ressaltar a legislação de proteção à pessoa idosa. Com o intuito de reverberar essa efeméride, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados ao processo de envelhecer, a *Mostra Sentidos – A Longevidade na Arte* reúne uma curadoria de trabalhos artísticos virtuais de teatro e dança com o propósito de gerar reflexões sobre a longevidade. Essa ação destaca a potência dessa fase da vida, em uma intensa interface com as artes e com o protagonismo do público de pessoas idosas que participa das oficinas”, explica Juliana Viana Barbosa, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais.

Realizada nos canais digitais do Sesc São Paulo e de suas respectivas unidades, de 1º de outubro a 12 de dezembro, esta 5ª edição reúne nove oficinas artísticas virtuais e gratuitas, com inscrições voltadas exclusivamente para as pessoas idosas, sendo cinco dessas ações dedicadas à linguagem do teatro e quatro, à dança. Cada uma delas busca criar pontes com as produções do campo das artes cênicas e fomentar uma visão mais plural da longevidade, jogando luz sobre as múltiplas velhices na tentativa de evitar que sejam silenciadas.

Acesse a programação completa no portal do Sesc São Paulo: sescsp.org.br/mostrasentidos.

Confira alguns destaques:

SESC IDEIAS

Live Mostra Sentidos – A Longevidade na Arte

Na abertura da ação, no dia 1º de outubro, pelo *Sesc Ideias*, acontece o bate-papo online que leva o nome do evento: *Mostra Sentidos – A Longevidade na Arte*, às 16h, no canal do YouTube do Sesc São Paulo. Dele, farão parte a atriz, dançarina, professora e diretora de teatro **Aysha Nascimento**, integrante da companhia de Teatro de Rua da Cidade de São Paulo, da Cia. dos Inventivos e do Coletivo Negro; a psicoterapeuta corporal Rebeca Berger, do Instituto Internacional de Análise Bioenergética; e Ervelina Semerjian, que participa de diversos cursos de dança e teatro promovidos pelas ações permanentes e institucionais vinculadas ao programa Trabalho Social com Idosos (TSI). A conversa terá mediação de Mauro Lucas, animador sociocultural no Sesc Belenzinho. (Dia 1º/10, às 16h, no [canal do YouTube do Sesc São Paulo](#).)

Francisco Gaspar



TEATRO

A Ciranda do Tempo

A atriz **Aline Filócomo** e o ator **Thiago Amaral**, da Cia. Hiato, ministram essa oficina composta por experimentos teatrais online. Nos encontros, os participantes vão experimentar elementos da linguagem cênica em diálogo com as tecnologias e a comunicação virtual. (De 13/10 a 10/11, quartas, das 10h às 12h, pela plataforma de videochamada Zoom / 30 vagas / Sesc Consolação.)



Maicon

Lúcia Jardim



Compartilhar Ideias, Refazer Histórias

Utilizando o teatro como encontro e compartilhamento de ideias e histórias, o ator, diretor e cineasta chileno Cristian Beltrán (fundador do Coletivo Enredo) propõe exercícios cênicos e corporais, bem como o resgate da tradição oral e escrita, a fim de refletir sobre as velhices. (De 6/10 a 17/11, quartas, das 14h30 às 16h, pela plataforma de videochamada Zoom / 40 vagas / Sesc Belenzinho.)

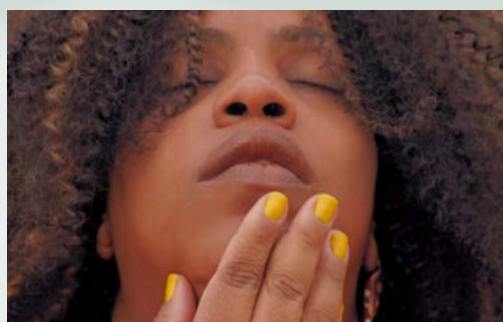
DANÇA

Folhas ao Vento – Criação, Corpo e Poesia

Essa oficina de dança ministrada pelo bailarino e produtor cultural Luis Ferron tem como objetivo promover um processo de criação com coreografias pautadas por tecnologias da linguagem audiovisual. (De 5/10 a 12/11, terças e quintas, das 9h30 às 11h30, pela plataforma de videochamada Zoom / 15 vagas / Sesc Ipiranga.)

Longevidade e Expansão: Corpos Plurais e Potências

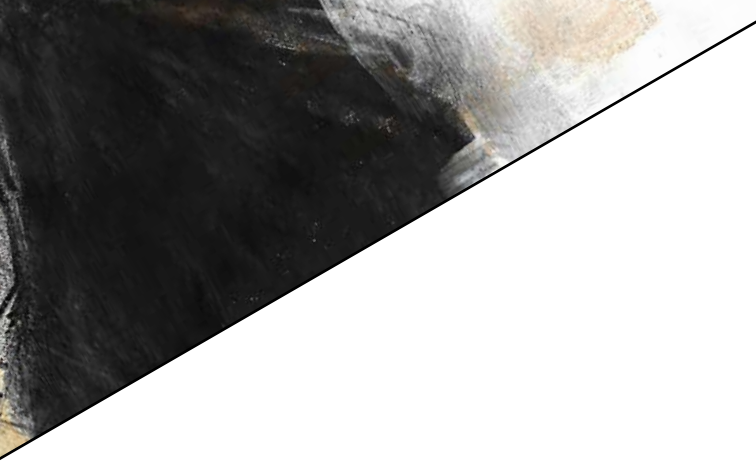
Ministrado pelo grupo Zona Agbara, que possui entre suas integrantes a dançarina e atriz **Gal Martins** (Cia. Sansacroma), esse laboratório de criação em dança busca o encontro e a permanência da autonomia, da autoestima e da interação social, por meio do resgate das raízes culturais da jornada de vida de cada participante. (De 6 a 29/10, quartas e sextas, das 10h às 12h, pela plataforma de videochamada Zoom / 25 vagas / Sesc Osasco.)



Lua Santana



Apatia em tempos de **CRISE**



Um determinado quadro se tornou comum durante este cenário de incertezas, perdas e luto provocado pela Covid-19. Um sentimento que recentemente vem levantando discussões e reflexões de profissionais que trabalham na área da saúde mental. Descrito pelo sociólogo norte-americano Corey Keyes e popularizado em 2020 pelo psicólogo organizacional Adam Grant, o termo *languishing* (do inglês, definimento, apatia) é, segundo o psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) Christian Dunker, “uma espécie de vazio emocional”. “Parece ser um estado causado pelo déficit de experiências produtivas de determinação. Diante de tanta indeterminação atualmente, pois não sabemos quando isso vai acabar, não sabemos se vamos sobreviver ou se vamos ter um emprego ou um casamento no final disso tudo, podemos nos desesperar. Mas depois, sem nenhuma previsão de alteração, o mais adaptativo é o recolhimento de expectativas”, explica Dunker. Já para a psicanalista e professora do curso *Ideias de Lacan*, organizado pela Associação Livre-SP, Fani Hisgail, “enquanto durarem a pandemia e o risco de contágio, a apatia e o abatimento do ânimo como sintomas da cultura atual esboçam modalidades de defesa do narcisismo, ao sacrificar certa alegria de viver e de satisfação própria”. Afinal, como conceituar e identificar o que é *languishing*? E de que maneira a consciência desse quadro pode auxiliar a tomada de decisões para o bem da saúde mental da população? Neste *Em Pauta*, Dunker e Hisgail fazem um alerta e refletem sobre esse quadro que acomete muitas pessoas em todo o mundo.



Languishing – uma espécie de vazio emocional

CHRISTIAN DUNKER

Todo sintoma, inibição ou forma de angústia deve ser entendido como a exageração, fixação ou desvio de um estado anterior no qual este faria sentido ou função. Por isso, eles não são exatamente irracionais, mas respostas retiradas de contexto e desprovidas da memória de seu próprio processo construtivo. Respostas regulares a conflitos que, muitas vezes, são análogos ou homólogos entre si podem ser agrupadas com o mesmo nome e, no limite, cada sintoma carrega a marca indelével e insubstituívelmente singular de seu autor. Por isso, os sintomas foram comparados por Freud a uma obra de arte, cujo sentido pode permanecer opaco até mesmo para seu criador, mas também funcionam como uma religião, composta por mandamentos, preceitos, regras, ritos e práticas coercitivas que o fiel pode seguir, mesmo desconhecendo suas razões.

Languishing é um estado de indiferença anestésica, nem bom nem ruim, mas que faz com que as pessoas sigam suas vidas em uma espécie de automatismo mental e afetivo, como se tivessem se tornado observadores distantes da própria existência. Descrito pelo sociólogo Corey Keyes e popularizado pelo psicólogo organizacional Adam Grant, *languishing* é uma espécie de vazio emocional.

Compreende-se que o fenômeno tenha se alastrado como uma das principais sequelas da vida em tempos de Covid-19. Apesar da extrema variação das condições objetivas e subjetivas de enfrentamento deste longo período, podemos dizer que todos tivemos que nos haver com três fatores cruciais do ponto de vista psíquico: a privação de liberdade (por exemplo, de circulação, de aglomeração, de viajar); a busca de razões e motivos para nos autolimitarmos ou para não fazê-lo; e a especulação narrativa sobre a extensão temporal do sacrifício, cuja indeterminação, cujo adiamento sucessivo e cuja imprevisibilidade científica continuam até hoje, apesar da vacinação.

PARECIDO COM

Muitas condições psicopatológicas assemelham-se ao *languishing*. Particularmente, os estados depressivos costumam carregar consigo um manto de indiferença e apatia. Isso se manifesta em dois de seus sintomas principais: a anedonia, expressa pela incapacidade de experimentar prazer com a vida de forma geral, mesmo com atividades que eram antes fontes de satisfação; e a abulia, que aparece como uma dificuldade para iniciar um novo ciclo comportamental, como se levantar de manhã, ir para a cama à noite, interromper o trabalho ou sair para uma reunião de amigos. Tudo se passa como se, depois de um “empurrão” inicial e se a oferta de prazer for bastante elevada, o sujeito finalmente conseguisse seguir em frente, até a próxima parada. Mas o *languishing* não apresenta esses dois traços característicos. A pessoa se levanta, come e dorme, de modo regrado e sem dificuldade para começar nada, mas se sente como um zumbi anódino cumprindo um programa de maneira automática. Seu humor não se altera, e o indivíduo não fica irritado nem tem explosões de cólera, tão frequentes na depressão, mas é tomado por uma paciência infinita ou por uma passividade indefinidamente elástica. Surge aí uma potência de aceitação contemplativa digna de um monge medieval.

Um dos estados mais dramáticos de indiferença, aos outros e a si, é a síndrome de Cotard, ou delírio das negações. Nela, o sujeito tem ideias de negação e distorção da realidade e pode se comportar como se já estivesse morto. Afirma que não tem mais órgãos internos, que sabe que seu cérebro foi removido, que seu fígado foi extraído e, quando confrontado com o fato de que alguém nessa situação já estaria morto, o paciente costuma rebater assim: “Mas é exatamente isso que aconteceu comigo, estou morto e vazio por dentro. Aliás, pare de me chamar pelo nome dessa pessoa que um dia eu fui”.

OUTRO VAZIO

Nada disso, porém, se passa no *languishing*, no qual o vazio parece ser de outro tipo, mais ligado à falta de leitura de diferença no mundo do que em si mesmo. A paisagem externa fica igual, as diferenças diminuem quantitativamente e, no fim, qualitativamente. Tudo permanecendo igual por fora acaba produzindo um espelho mental de deserto e indiferença.

O *languishing* parece ser um estado causado pelo déficit de experiências produtivas de determinação. Diante de tanta indeterminação, pois não sabemos quando isso [*a pandemia, no cenário atual*] vai acabar, não sabemos se vamos sobreviver ou se vamos ter um emprego ou um casamento no final disso tudo, podemos nos desesperar. Mas depois, sem nenhuma previsão de alteração, o mais adaptativo é o recolhimento de expectativas. É uma redução do desejo, mas sem a crise narcísica que usualmente sobrevém na depressão, nem a perturbação de gozo que caracteriza a esquizofrenia de Cotard.

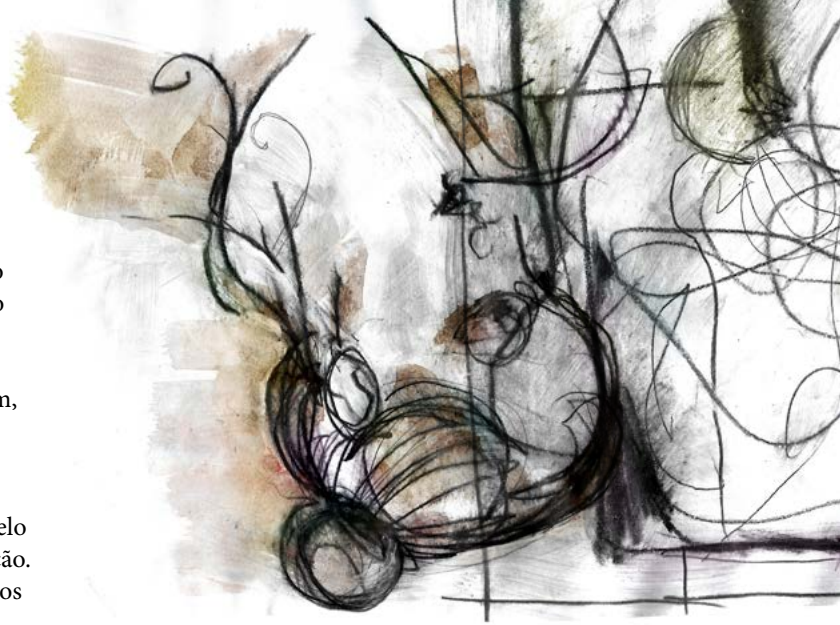
Quanto mais rebaixamos nossas expectativas, menor será o custo da decepção, até que terminaremos por nada esperar, o que nos imuniza contra o medo e o temor, já dizia a filosofia estoica [*doutrina filosófica grega que preza a fidelidade ao conhecimento e o foco em tudo aquilo que pode ser controlado pela própria pessoa, desprezando os sentimentos externos, como a paixão e outros desejos intensos*]. Mas é também uma redução da nossa capacidade de experimentar os afetos. Quando não tocamos ou somos tocados corporalmente por longos períodos, quando não coabitamos com outros indivíduos que funcionem como um espelho dos nossos afetos e quando esquecemos de nomear e narrativizar esses afetos, eles podem desvanecer ou definhar, duas traduções possíveis de *languishing*.

Quanto mais nos dedicamos a perceber o que sentimos, a qualificar nossas satisfações e manipular

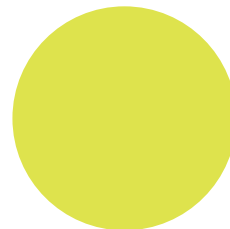
nossos desprazeres, melhor nos tornamos na arte do uso desses prazeres, até percebermos que podemos manejar as diferenças de satisfação nos tornando senhores do nosso próprio “jardim das delícias”, como pregava a filosofia epicurista [*sistema filosófico grego que prega a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, com a ausência de sofrimento corporal pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos*].

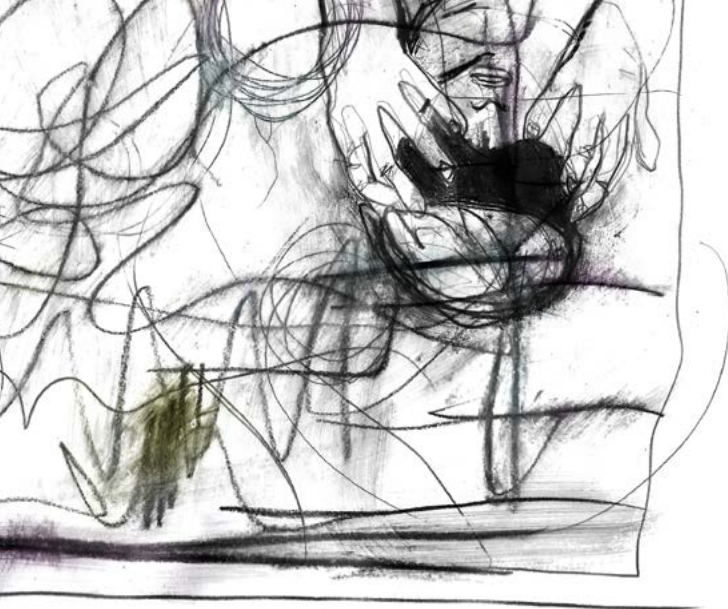
O *languishing* parece uma espécie de hibernação psicológica, uma economia no gasto de afetos e desejos, sentidos como “inúteis”. Nossa economia subjetiva de prazer e desprazer depende de nossa política externa e interna para diferenças. Isso significa que o que chamamos de desprazer é simplesmente uma tensão que se acumula, e o prazer alcançado depende, portanto, da diferença entre o desprazer que se suportou e o prazer subsequente.

O prazer reduz a tensão, por isso ele é sempre, mas não somente, uma experiência de alívio. Isso acontece porque cada pessoa parece ter um patamar e um limite quando se trata da diferença libidinal. Limite depois do qual o aumento de tensão não se traduzirá mais pelo aumento de prazer. Patamar que, se não for



O *LANGUISHING* PARECE UMA ESPÉCIE DE HIBERNAÇÃO
PSICOLÓGICA, UMA ECONOMIA NO GASTO
DE AFETOS E DESEJOS, SENTIDOS COMO “INÚTEIS”





alcançado, não trará prazer suficiente para justificar o trabalho ou o esforço de alcançá-lo. É um nível que pode ser exemplificado por casais que, com o passar do tempo, passam a ter preguiça de transar, porque outros prazeres e ocupações adquirem um grau de diferença maior do que o próprio sexo.

A degradação do patamar e a redução do limite de suportabilidade da tensão parecem duas estratégias subjetivas altamente adaptadas aos tempos de Covid-19, com sua abstinência prolongada de contato com as pessoas e com situações diferentes, e com sua regularidade de estimulação produzida pela redução do tamanho do mundo ao ambiente doméstico. O ponto traiçoeiro aqui é que tais ajustes da economia libidinal não são sempre simples de reverter. Se antes sofriamos com o “medo de ficar de fora” (das redes sociais e do mundo tecnológico), cunhado pela expressão em inglês FOMO (*Fear of Missing Out*), agora sofremos com o FODA (*Fear of Dating Again*), que é o medo de sair para encontrar outras pessoas, pelo temor de ter desaprendido, durante o período de isolamento social, certas habilidades relacionais concernentes aos usos dos prazeres.

TIPOS DE INDIFERENÇA

Freud dispunha de três palavras para designar “diferença” em alemão, e ele de fato as usou para contextos distintos do nosso funcionamento mental. Há a diferença (*Unterschied*) que organiza a polaridade básica de nossa sexuação do Outro; há também a diferença (*Diferentz*) que organiza nossa sensibilidade ao semelhante, de modo que aqueles que se parecem muito conosco tenham suas diferenças narcisicamente aumentadas; e, finalmente, há a diferença (*Verschiedene*) entre prazer e desprazer

pulsional, determinada pela alternância entre atividade e passividade, entre amor e ódio, entre desejar e ser desejado. Se há três tipos de diferença, que interferem em nossa economia libidinal, é justo supor que existam também pelo menos três variedades de indiferença.

Existe, portanto, aquela indiferença forçada e cruel, narcísica e sádica, de ver o Outro precisar de nós, seja do nosso amor, seja do nosso desejo ou da nossa capacidade de compartilhamento de satisfação. Isso permite gozar com a precariedade do Outro, nos colocando em posição de superioridade senhorial. Para alguns, isso conduz ao delírio de imunidade e ao negacionismo porque esses sujeitos não conseguem renunciar ao suposto cargo de senhores do mundo e de seus destinos.

Em segundo lugar, há a indiferença depressiva e delirante, na qual amor e ódio ou amor e indiferença tornam-se idênticos. Aqui, a diferença é fonte de comparação e dor, de impotência diante de ideais inatingíveis e de miséria moral daquele que se entende rejeitado pelo Outro.

Finalmente, há o terceiro tipo de indiferença, que parece caracterizar o *languishing*, que é uma forma de indiferença global ao conflito e às oposições que tornam o Outro indiferente, seja ele o mundo, nosso empregador ou parceiro amoroso. Aqui temos uma insensibilidade ao conflito que incide como uma espécie de calosidade protetiva da nossa alma. Não há pedidos, diretos ou indiretos, para que a vida valha a pena, ou especulações sobre as razões para seguir em frente.

O vazio aqui não é demanda de esperança, mas inércia, letargia, em que tudo parece cingido por uma incoerência geral. Muitos adolescentes nos ensinam algo sobre o *languishing*, para desespero de seus pais, porque muitos deles parecem se recusar a sonhar e a entrar em conflito. Eles suspendem o problema da decisão de reentrada no mundo, no qual muitas vezes não percebem lugar algum, não se encaixam. Dessa forma, a falta de vazio do lado de fora é incorporada como um vazio contemplativo que repercute o som do mundo, mas não move o indivíduo rumo à transformação. ■

CHRISTIAN DUNKER é psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), e coordena o Laboratório de Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latesfip).

O êxito da vida na pandemia da Covid-19

FANI HISGAIL

No começo dos anos 20 do século 21, a população mundial foi surpreendida com as restrições sanitárias de contato social devido à Covid-19, de modo que tivemos que habitar por semanas, meses e mais de um ano todo, o ambiente do lar, enquanto pais e filhos, casais e pessoas sozinhas tiveram, ou ainda estão, em confinamento. Inúmeras reportagens, artigos, opiniões de especialistas foram fundamentais para instrumentalizar a população em relação ao modo como o vírus atinge o pulmão e outros órgãos do corpo. Os sintomas psíquicos oriundos dessa situação demonstraram como estamos despreparados e fragilizados diante do perigo da morte, dos ritos fúnebres e do efeito cumulativo no dia a dia que a pandemia traz para nós, os vivos.

É fato que a batalha com o inimigo secreto e invisível reúne a massa dos vivos como testemunha da mortandade, referida nos boletins diários dos números da massa de mortos. Elias Canetti, Nobel de Literatura em 1981, define brilhantemente que a luta entre os vivos e os mortos tem um caráter intermitente, pois nunca se sabe quando ela virá. E, no caso da pandemia da Covid-19, o combate se estende por um longo período. O epicentro ocorrido em Manaus (AM), transmitido online e em tempo real, mostrou caixões amontoados nos necrotérios dos hospitais juntamente com as cenas de covas abertas, dispostas em fileiras nos enterros restritos a um ou dois membros da família.

Para nos salvar tivemos que evitar o próximo, manter distância uns dos outros e até dos familiares que necessitaram de intubação traqueal para estabilizar o quadro de falência respiratória causado pelo coronavírus. Imbuídos de um momento de poder, os que escaparam de ser abatidos pelo vírus hoje são os sobreviventes, cujo triunfo é a renovação do desejo de viver.

FUNCIONAMENTO DO EU

Entretanto, o sofrimento psíquico exposto na vida cotidiana descreve patologias oriundas da pandemia, como modalidades de mal-estar manifestadas em



sonhos, pesadelos, agonias estridentes, sintomas somáticos e outros que vêm comprometendo a saúde mental da população. A doença mental se destaca por haver um retorno a estados anteriores da vida afetiva e do funcionamento do Eu, especialmente quando se está em perigo. O aumento das demandas de análise e de psicoterapias testemunharam o que está contido e recalcado no inconsciente, de tal modo que a palavra possa transformar o sofrível em algo superável e sanável.

Corey Keyes, sociólogo e psicólogo norte-americano, que cunhou a expressão *languishing* – que se traduz por definhando, abatido, lânguido, ao passo que em espanhol *languideciendo* significa perder o espírito, o vigor e a energia –, inspirou outro psicólogo organizacional, também norte-americano, Adam Grant. Este observou que o efeito cumulativo da pandemia produzia nas pessoas a falta de alegria, de objetivos e sensação de “definhamento” constante, a ponto de desenvolver um estado de apatia, de vazio e de desespero silencioso. Em grego clássico, *Apathéia* vem de *Phátos*, que significa tudo aquilo que afeta o corpo e a alma, as paixões e a dor, o sofrimento e a doença. Por conseguinte, como suportar tamanho desprazer e ao mesmo tempo lidar com um mundo externo desprovido de atração libidinal?

Apesar do contato digital e da vida online possibilitarem as relações funcionais a distância,



EM GREGO CLÁSSICO,
APATHÉIA VEM DE *PHÁTOS*,
QUE SIGNIFICA TUDO
AQUILO QUE AFETA
O CORPO E A ALMA,
AS PAIXÕES E A DOR,
O SOFRIMENTO E
A DOENÇA

o estado emocional que alguns acusaram foram sintomas de debilitação progressiva, extenuação e abatimento. O cotidiano pandêmico trouxe à baila os efeitos da imersão no campo digital, quando o contato com o mundo externo só podia ser por esta via. Extenuante e cansativa, ao mesmo tempo que envolvente e apaixonante, a vida digital ofertou a expansão da produção humana, mas não impediu que surgissem formas de sofrimento mental.

MODALIDADES DE DEFESA

Enquanto durar a pandemia e o risco de contágio, a apatia e o abatimento do ânimo como sintomas da cultura atual esboçam modalidades de defesa do narcisismo, ao sacrificar certa alegria de viver e de satisfação própria. A privação da vida social e cultural, a carência de vacinas, a perda do emprego e a inflação galopante contribuem para o surgimento de formas de anestesia emocional, tais como agonias com ou sem o desespero e a falta de esperança.

Conseguiremos transpor as feridas e sequelas da Covid-19 no que tange ao trabalho do luto e do desligamento necessário que o Eu deve realizar? Todavia esse penoso desprazer é aceito por todos como algo natural num mundo que se torna pobre e vazio de sentido. Podendo haver um desânimo profundo, perda da capacidade de amar e também inibição de qualquer atividade enquanto durar o processo do enlutado.

Acontece que o sofrimento imposto pelo luto não se desfaz facilmente, pois a morte se apresenta sempre mascarada e ataca a torto e a direito na pandemia. No começo, foram os idosos os escolhidos, mas ela descobriu os jovens abaixo dos quarenta anos para abraçar sem piedade. Nunca se satisfaz e o grandioso nunca está na medida certa para ela, uma vez que não perde tempo com nada.

Como se defender dela quando a noção de tempo é outra nos estados de guerra e de pandemia? A ordem é o uso de máscara e o distanciamento social na perspectiva de todos a serem imunizados para, assim, tornar a vida mais tolerável para nós, mesmo sabendo do seu fim.

Espera-se que quando passar o luto e a ameaça do contágio possamos constatar o que Freud escreveu em 1916 a respeito da Primeira Guerra Mundial: “Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu e, talvez, em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes”.

Viva a vida! ■

FANI HISGAIL é psicanalista e professora do curso *Ideias de Lacan*, organizado pela Associação Livre-SP; autora e organizadora de vários livros relacionados à semiótica psicanalítica, aos estudos de gênero e à sexualidade.



Chico Cerchiaro

Uma por todas

PROFESSORA, CRÍTICA LITERÁRIA E ENSAÍSTA

HELOÍSA BUARQUE DE HOLLANDA COMPARTILHA

A ARTE DE AGREGAR GERAÇÕES EM TORNO

DO FEMINISMO E DA DIVERSIDADE CULTURAL

Nascida em Ribeirão Preto, no dia 26 de julho de 1939, Heloísa Buarque de Hollanda carrega consigo a capacidade de observar e integrar diferentes protagonistas da sociedade. Estudiosa e autora de livros sobre o feminismo, a questão racial e a cultura da periferia, a professora emérita de teoria crítica da cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) ainda coordena, no Programa Avançado de Cultura Contemporânea da instituição, o projeto Universidade das Quebradas e o Fórum Mulher. Ensaísta, publicou livros seminais como *26 Poetas Hoje* (1976), *Cultura e Participação nos Anos 60* (1982) e, mais recentemente, quatro volumes da coleção *Pensamento Feminista Hoje* (Bazar do Tempo, 2019-2020). Curiosa e incansável, atenta à diversidade cultural e social brasileira, aos 82 anos a pesquisadora aposta na arte e nos saberes da periferia, observa os avanços do movimento feminista no país, graças ao potencial de difusão e conexão da internet, e nota que os homens também estão se movimentando contra o *modus operandi* patriarcal.

ANTES DO FEMINISMO

Sempre fui feminista. Quer dizer, sempre não, desde os anos 1980. Engraçado que nos anos 1960 eu militava pela questão racial e subestimava o feminismo, até fazer meu pós-doutorado nos Estados Unidos. A distância, entendi o peso do feminismo. Depois dos anos 1980, quando fui para Columbia [fez pós-doutorado em *Sociologia da Cultura pela Universidade Columbia, em Nova York*], assisti à chegada do pensamento feminista nos EUA e na Europa. Era um feminismo diferente, que interpelava as epistemologias ocidentais e tinha a audácia de falar mal do Freud [1856-1939, *médico neurologista e psiquiatra*

austríaco, criador da psicanálise], porque ele era falocêntrico, e do Marx [1818-1883, *filósofo e sociólogo alemão*], porque era machista. Enfim, [essa nova corrente de pensamento] pegava todas as narrativas-mestras, pelas quais a gente se guiava e as arrasava. Esse primeiro momento foi muito radical, mas de uma alegria absurda, tanto que me enganchei no campo do pensamento feminista e não parei até hoje. Trata-se de uma ótica pela qual você pode ver o capitalismo, a literatura, o mundo. É muito interessante e sutil. Você coloca essa lente [do feminismo] no olho e não a tira mais. Foi assim que me tornei feminista. Quando voltei para o Rio de Janeiro, depois dessa bolsa lá fora, quis montar um centro de estudos feministas, mas não deixaram. No conselho da Escola de Comunicação [da UFRJ], me disseram que aquilo não fazia sentido. Era assim em 1980, para você ver como a coisa mudou. Passei 40 anos tentando virar a universidade do avesso com meu olhar feminista.

HELOÍSA BUARQUE DE

HOLLANDA esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 20 de agosto de 2021

SUBI O MORRO

Quando chegaram os anos 1990, me apaixonei por outra coisa. Passamos por episódios violentos, como a chacina da Candelária, entre outros. Foi nesse momento que os intelectuais foram até as favelas: criou-se o Viva Rio [*empresa social que promove a inclusão social e a cultura de paz*], o Zuenir Ventura, a Regina Casé, o Waly Salomão [1943-2003, *poeta e produtor cultural baiano*], o Caetano Veloso e outros artistas subiram o morro. Eu subi também e me apaixonei pela cultura da periferia. Em 1990, porém, me desconectei um pouco do feminismo. Conversava com minhas colegas, que diziam que o feminismo tinha acabado e que aquela geração havia decretado o pós-feminismo. Nessa época, houve um declínio da luta feminista, dos estudos feministas, e a gente achou que tudo que tínhamos feito teria sido em vão e que não tínhamos deixado legado algum.

DE VOLTA ÀS RUAS

Até que, em 2015, o deputado Eduardo Cunha [*então presidente da Câmara dos Deputados*] resolveu mexer na legislação que permitia o aborto em caso de estupro [*ele propôs o PL 5069/2013*]. Cunha queria tirar essa permissão, e milhares de mulheres foram às ruas. Era uma quantidade imensa de jovens com força e gana. Mulheres que saíram das marchas de 2013, que trouxeram uma ideia de revolta diferente daquelas organizadas nos anos 1960, pelo uso intenso da internet, e que conseguiram mobilizar milhares de pessoas. Essas mulheres saíram com o corpo nu escrito: “Não é não” e “Meu corpo, minhas regras”. Foi incrível! Fiquei muito curiosa com esse movimento e deixei a periferia quietinha um pouco, para me dedicar a reuniões, eventos, blogs, sites e *hashtags* feministas.

ENCONTRO DE GERAÇÕES

Nessa época, a editora Companhia das Letras, que sabia que eu estava estudando e falando sobre o feminismo, me pediu um livro. *Explosão Feminista* (2018) tem 500 páginas. Chamei jovens mulheres que me ajudaram no trabalho de campo, porque elas traziam as questões do ponto de vista delas. Foi um livro muito difícil de fazer, mas muito gostoso, porque escrevi com mulheres que podiam ser minhas netas. Foi uma relação linda porque elas me diziam: “Você não está entendendo nada”. Cada capítulo foi feito a muitas mãos, e esse é o tom do trabalho. Foi muito importante para mim porque entendi o que estava acontecendo, e elas ganharam certa visibilidade, já que o livro foi para

as faculdades, que legitimam e chamam a atenção. Fiz esse livro agregando a cultura aos movimentos das ruas e da internet. A diferença dessa geração para a minha é justamente a vantagem da internet, [*pois assim*] esse novo feminismo foi ouvido. Os homens ouviram. No meu, não. Tampouco teve repercussão pública [*naquela época*], apesar da ressonância política e acadêmica.

FRUTOS DE ESTUDOS

Nesse livrão (*Explosão feminista*, 2018), que falava de poesia, teatro, música e cinema, também incorporei o transfeminismo, o feminismo indígena, o feminismo negro, o feminismo evangélico – que é fascinante – e o feminismo asiático. Cada capítulo trata de um deles. Ao fazer esse livro, percebi que essas meninas de hoje tinham força, eram proativas, mas não tinham repertório. Apaixonada por elas, como qualquer avó, escrevi os quatro volumes do *Pensamento Feminista Hoje* (Bazar do Tempo, 2019-2020) para elas, com quem compartilho o que estudei. No primeiro volume, *Conceitos Fundamentais*, reuni todas as feministas básicas que mudaram a trajetória desse pensamento e vi que nele não havia brasileiras. Como assim? Aí fiz um volume só de brasileiras, chamado *Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto*. É o volume de que eu mais gosto, porque essas mulheres não tiveram a ressonância que mereciam. Enquanto isso, comecei uma onda gigantesca de estudos pós-coloniais, que reenquadraram a questão racial e mostram os problemas produzidos pelo choque colônia-metrópole. É uma área de estudos muito interessante, porque você vê o nascimento do preconceito em função da força de trabalho. Então, fiz [*o terceiro volume*] *Perspectivas Decoloniais*. Aí, vi que no feminismo decolonial havia a questão da sexualidade decolonial, e a sexualidade é um tema vigoroso. Foi quando escrevi *Sexualidades no Sul Global* [*quarto e último volume da coleção*]. Agora, estou fazendo outro livro que se chama *Feminista, Eu?*, que fala sobre a ideia de ser feminista na minha geração e na atual, que é completamente diferente. Quando vi Rita Lee dizendo que não era feminista de jeito nenhum, logo reagi: “Opa”. Ela diz aos berros que não é feminista, e é inacreditavelmente ousada. Então, nesse próximo livro pego o trabalho da Rita Lee, das cineastas, de outras mulheres da cultura, e mostro o impacto do feminismo, não da ideia em si, mas da posição feminista.

FEMINISTAS HOJE

O que vai mudando no feminismo ao longo dos anos são os canais de divulgação, mas as pautas são as mesmas. O que eu queria na minha idade? O direito ao aborto, ao mercado de trabalho, a não violência. Era o que a gente reivindicava. O que as meninas hoje pedem? A pauta é a mesma. A gente andou muito pouco para a frente. Quer dizer, tivemos avanços, mas andamos muito pouco em relação ao que se pedia nos anos 1960. Só que hoje as estratégias são outras. Antes, tinha a Carmen da Silva [1919-1985], aquela jornalista explosiva, vestida de empregada doméstica na Avenida Rio Branco [*no Rio de Janeiro*], com um balde de água lavando a via e dizendo [*ironicamente*]: “Pra isso que serve a mulher!”. Quer dizer, era uma performance como as de hoje, mas ninguém fotografou. O jornal não estava nem aí para ela e aquelas outras mulheres na avenida. Então, o que mudou foi a possibilidade e a força da difusão. Agora, essas meninas fazem [*performances, protestos*], postam em várias redes, e a coisa se expande. O feminismo está nas músicas, nas novelas, nas charges. Não é mais uma coisa da elite.

SOBRE OS HOMENS

Eu ia fazer um programa, que acabou não acontecendo por falta de financiamento, para um canal de televisão. Como antes fiz a série *O que Querem as Mulheres?* (Canal Brasil, 2020), em que cada episódio tratava de um feminismo diferente, propus *O que Querem os Homens?*. Fui fazer uma pesquisa e [*descobri que*] a quantidade de grupos de homens pelo Brasil inteiro estudando masculinidade é grande. Há grupos de homens estudando masculinidade de norte a sul do país. Foi uma interpelação das mulheres, sem dúvida alguma. Outra coisa, não sei se a tal masculinidade tóxica é muito fácil de identificar. Naquele homem cafajeste é muito fácil, mas nos outros, os bonzinhos, os cooperativos etc., também há essa masculinidade tóxica,

e nós não vemos. Acho que os homens estão muito assustados e, ao mesmo tempo, aplicados porque, de repente, caiu a ficha. Não digo que é porque as mulheres não os estão deixando em paz. Não é isso. Uma parte significativa da população masculina ouviu o que foi dito [*pelo movimento feminista*] e ficou interessada. Isso é muito bonito! São jovens que formam esses grupos. Essas gerações mais novas estão metabolizando essas mudanças e estudando.

APRENDER COM A PERIFERIA

Tenho um laboratório de tecnologias sociais no qual a gente trabalha possíveis parcerias com outros saberes. Chama-se **Universidade das Quebradas**, e ela já tem mais de dez anos. Anualmente, entram vários artistas, produtores e ativistas da periferia. É muito interessante por ser um laboratório de trocas entre eles e a comunidade acadêmica. Fiz isso porque percebi, quando comecei a trabalhar na periferia em 1993, que a potência dessa cultura não é brincadeira. A classe C que está nas favelas vai ser, obviamente, a classe dominante. Por exemplo, o feminismo na periferia é de uma força e organização sem tamanho. Eu tenho paixão pela periferia! O que fico me perguntando é: que lugar é esse e que cultura é essa com que estou trabalhando? Cheguei à conclusão de que essa cultura não é uma cultura de raiz, de pobre, uma cultura parada. É uma cultura que conversa com as outras. Ela é uma cultura de um interesse gigantesco. Quando você começa a estudar a respeito, vê claramente como ela metaboliza a cultura de alta classe média, com sérias perspectivas de se tornar mais interessante do que o atual *mainstream*. Então, quando há possibilidade de prover mais repertório – filosofia, literatura, oficinas de escrita e de leitura –, a periferia decola. Acho que esse é o futuro. ■

QUANDO HÁ
POSSIBILIDADE
DE PROVER
MAIS
REPERTÓRIO
– FILOSOFIA,
LITERATURA,
OFICINAS DE
ESCRITA E DE
LEITURA –,
A PERIFERIA
DECOLA



Lente para mudanças

AUTOR DE FILMES QUE REPERCUTEM QUESTÕES SOCIAIS, COMO A SAÚDE MENTAL E A POLÍTICA, CINEASTA MINEIRO VIVENCIA PAUSA PARA PENSAR EM FUTUROS PROJETOS

“**A**té hoje, sinto os cheiros de lá. Cheiros de suor, de sofrimento, de sujeira... Algo que nunca mais saiu de mim”, conta Helvécio Rattton sobre o período em que registrou o modo como sobreviviam milhares de homens e mulheres internados no Hospital Colônia de Barbacena (MG). O ano era 1979, e o cineasta, recém-formado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, havia conseguido a permissão da Secretaria de Saúde do estado para entrar e registrar as atrocidades que depois o Brasil e outros países iriam assistir no média-metragem *Em Nome da Razão* (1979), obra que teve um importante papel na luta antimanicomial e que [estreia neste mês na programação do SescTV](#). Curiosamente, o mais recente filme de Rattton também trata de um estado que beira a loucura, mas sob a ótica da ficção. Baseado no conto homônimo do escritor mineiro Murilo Rubião (1916-1991), o longa-metragem *O Lodo* (2020) foi exibido na programação online da 44ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, entre outubro e novembro do ano passado. Mesmo que debruçado sobre temas densos, como as produções já mencionadas e *Batismo de Sangue* (2007), baseado no livro de Frei Betto sobre a participação de frades dominicanos na luta contra a ditadura militar, Rattton também ajusta a lente para a beleza da infância vivida por ele no quintal de casa, subindo em árvores, brincando com amigos e jogando futebol na rua. Lembranças que acompanham longas como *Menino Maluquinho – O Filme* (1995), inspirado na obra de Ziraldo, e *Uma Onda no Ar* (2002), que evidencia a criatividade e iniciativa de jovens em uma grande favela de Belo Horizonte. “Sempre quis fazer filmes que tivessem, de alguma forma, uma repercussão social”, conta o cineasta, que, ao lado da produtora e parceira Simone Magalhães Matos, criou e coordena a [Quimera Filmes](#).





Augusto dos Anjos

há de ficar aqui

própria Eternidade

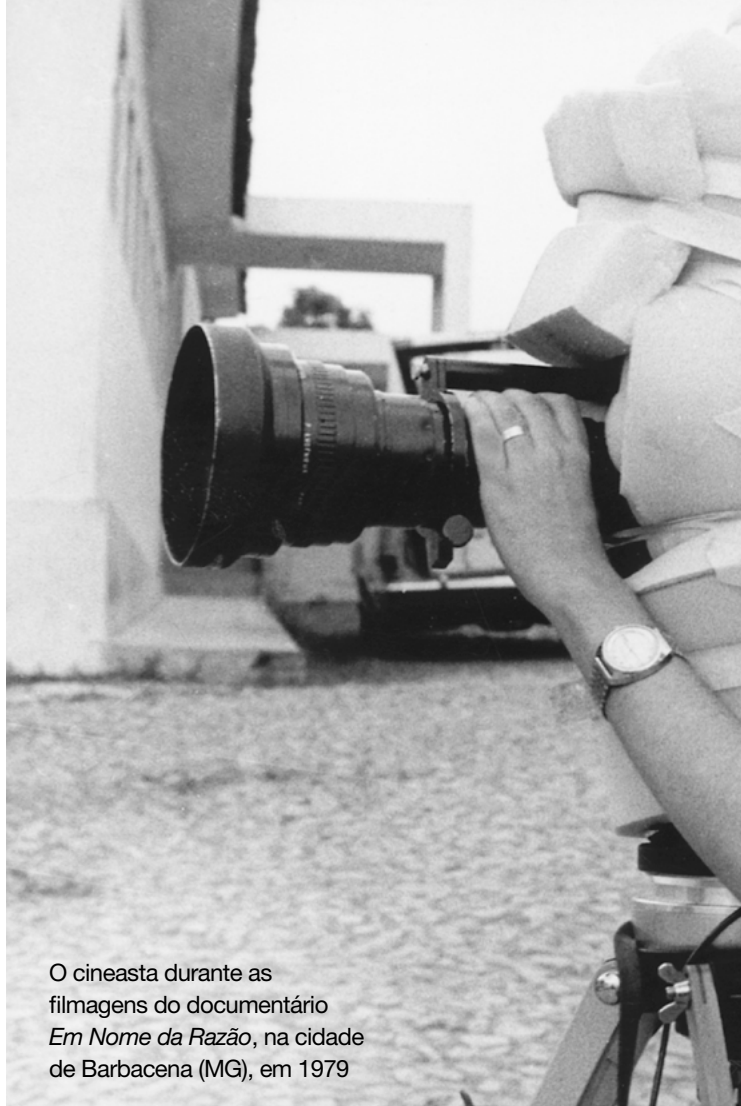
ogener

ue ev

RICHARDS

LUTA ANTIMANICOMIAL

Tinha começado a trabalhar com cinema no Chile [onde viveu exilado por quase quatro anos, de 1970 a 1973], mas, depois de retornar ao Brasil, não tinha conseguido retomar minha atividade nessa área. Trabalhava numa agência de publicidade, na época, para ganhar a vida. Tinha decidido fazer Psicologia e, em 1979, estava terminando esse curso. Foi nesse momento que tivemos a possibilidade de visitar o manicômio de Barbacena. A gente estava em plena ditadura, quando a Secretaria de Saúde de Minas permitiu que um grupo de pessoas visitasse o local. Eram alguns estudantes, como eu, e profissionais de saúde que estavam participando da luta antimanicomial naquele momento. Foi perto da visita do psiquiatra italiano Franco Basaglia ao Brasil, um ícone mundial na luta contra o encarceramento de pessoas com doenças psiquiátricas. Então, fui com esse grupo a Barbacena e fiquei chocado com o que vimos lá. O filme *Em Nome da Razão* nasceu dessa minha indignação. Voltei com a sensação de que eu tinha que, urgentemente, mostrar para a sociedade o que tínhamos visto. Eu precisava mostrar o que acontecia por trás do muro alto daquele hospício, uma realidade que se reproduzia em muitos outros lugares Brasil afora, e quem eram aquelas pessoas que a sociedade abandonava. Quando voltei do Hospital Colônia, fiz uma proposta à Secretaria de Saúde para que me permitisse filmar lá dentro. Eles permitiram e montamos, rapidamente, uma equipe de guerrilha, muito pequena. Éramos quatro pessoas e financiamos o filme com dinheiro do próprio bolso – era difícil buscar um patrocinador, naquela época, para isso. Foi assim que o filme nasceu. Depois eu tive, quando já estava montando o filme, um sentimento de que precisava fazer aquilo rapidamente, antes que baixasse a censura em cima da gente, e ela já havia demonstrado sinais. Nessa época, foi realizado o Congresso Brasileiro de Psiquiatria em Minas Gerais, com a presença de Basaglia, ou seja, era um momento ótimo para estrear o filme, e foi assim que fizemos. *Em Nome da Razão* repercutiu naquele congresso, teve uma recepção impressionante e foi aí que o filme começou a circular.



O cineasta durante as filmagens do documentário *Em Nome da Razão*, na cidade de Barbacena (MG), em 1979

LEMBRANÇAS DOLORIDAS

Até hoje, sinto os cheiros de lá [do manicômio de Barbacena]. Cheiros de suor, de sofrimento, de sujeira... Algo que nunca mais saiu de mim. São lembranças muito fortes. Como se [aquele lugar] estivesse materializando um campo de concentração, algo que a gente conhecia de relatos de campos nazistas, e de repente você tinha aquilo ali aos seus olhos, ao vivo. Era muito difícil filmar ali dentro, exigia da gente ter certa frieza e um distanciamento que nos permitissem abordar aquela realidade que nos envolvia de uma forma impressionante até fisicamente, porque, quando a gente entrava num daqueles pátios, as pessoas nos cercavam. Acho que nos identificavam como “mensageiros” que poderiam levar para fora alguma mensagem deles. Vinham em cima de nós, nos agarravam, não de maneira agressiva, mas vinham para cima de nós. Foi tudo muito forte.



Maíra Amélia Pallares

DA REALIDADE À FICÇÃO

O conto *O Lodo*, de Murilo Rubião, me atraiu muito porque colocava essa questão da saúde mental, da confusão mental num outro campo, e a relação paciente-analista também, claro que de uma forma absurda. Me interessava muito transitar entre o real e o imaginário. Também [*tinha interesse em abordar*] a materialização desse sofrimento mental, o que, no caso do filme [*O Lodo, 2020*], sai em cortes [*físicos*], quase estigmas no peito do protagonista, de onde escorre esse lodo. Tudo isso me atraiu porque o comportamento humano me interessa muito: a nossa cabeça, a forma como a gente se relaciona neste mundo, enfim, tudo isso me provoca muito. O filme acaba tendo um pouco disto: esse lodo que escorre do peito do protagonista é o mesmo que escorre dos massacres que têm acontecido no Brasil, da repressão aos indígenas, desta confusão institucional em que a gente foi lançado, desta

pandemia tão mal conduzida, do massacre nas favelas. Todo esse lodo que está escorrendo em várias feridas do Brasil, eu sinto que é semelhante ao que acontece no meu filme, embora não fosse essa a intenção inicial.

MEMÓRIAS DE CRIANÇA

A infância é um período que gosto de manter vivo dentro de mim. Até os seis anos, vivi em cidades muito pequenas, meu pai era juiz e eu morei em duas cidades antes de voltar para Belo Horizonte. Foi um período muito gostoso de casa com quintal grande, de brincar com amigos, de muitas árvores, de liberdade para brincar nas ruas; mesmo depois, na capital, onde cresci. Era um momento em que a gente jogava futebol nas ruas e parava quando vinha um carro – estou falando dos anos 1960, quando a gente conseguia fazer isso. Então, tem esse lado da minha infância muito forte nos filmes que faço. Outro lado tem a ver com o que senti na época em que minhas filhas eram pequenas, quando fiz o primeiro filme, *A Dança dos Bonecos*, e, mais tarde, *Menino Maluquinho*. Eu ia muito com elas ao cinema e ficava chateado com o que via. Eram produções brasileiras muito mais preocupadas em vender coisas – uma sandalhinha, uma bolsinha, por exemplo – do que em apresentar um bom espetáculo para as crianças. Isso me irritava profundamente, e minha vontade era fazer filmes anticonsumismo. Mostrar que, para se divertir e brincar, você não precisa comprar nada: basta juntar os amigos e pronto! A partir daí, você começa a inventar qualquer coisa. Então, meus filmes têm um pouco desse desejo.

DESAFIOS PRESENTES

Estamos vivendo uma situação no Brasil que, a cada dia, se transforma. Parece até que estamos numa série maluca que não tem fim. Também estamos vivendo um momento muito complexo no audiovisual brasileiro. Um momento de paralisação: não há praticamente produção e, ainda que os cinemas estejam abertos, o público não voltou. Além disso, temos o *streaming* concorrendo com as telas de cinema e mudando a relação do público com os filmes. Então, estou aproveitando este momento



Os atores Eduardo Moreira (à frente) e Renato Parara em cena do filme *O Lodo* (2020), inspirado em obra de Murilo Rubião.

para repensar projetos futuros e o que quero fazer de fato. Para [*que eu possa*] pensar no que está acontecendo no cinema brasileiro e em que mundo nós estamos. Repensar, inclusive, minha proposta como cineasta.

MODO ALGORITMO

O que acho complicado quanto à questão do *streaming* brasileiro é uma certa ditadura do algoritmo, que é o que define temas e formas do audiovisual. Então, você vai trabalhar com aquilo que “a mídia está querendo”. Sinto como se tivesse que fazer algo para agradar todo mundo. Como se tivesse que criar um sanduíche *fast food*, sabe? Algo que pode servir “a todos os gostos possíveis”. Sinto que o *streaming* caminha para essa direção. E a forma como as plataformas estão

O CINEMA É UMA
ARTE CAPAZ DE
FAZER AS PESSOAS
SE EMOCIONAREM E
REFLETIREM

se relacionando com o conteúdo nacional não me atrai. Ainda não há uma definição de cota de filmes brasileiros – o que eu acho fundamental –, como vem acontecendo nos países da Europa, que estabeleceram uma cota de conteúdo local no *streaming*, algo por volta de 30% [*do acervo das plataformas*]. No Brasil, pelas circunstâncias políticas que estamos vivendo, não há nenhuma definição de cota de tela para o *streaming*. Dessa forma, a nossa produção independente fica muito sacrificada, e é nela que você tem uma diversidade de filmes, de olhares, de propostas. Na medida em que você não tem isso e tem que buscar um denominador comum – o que interessa é a comédia ou séries desse tipo etc. –, eu, particularmente, não vejo um caminho que me atraia como artista.

REPERCUSSÃO SOCIAL

Sempre quis fazer filmes que tivessem, de alguma forma, uma repercussão social. Sempre pensei no cinema não como se ele fosse capaz de mudar o mundo, pois ele não é capaz. Quem muda o mundo são as pessoas, e o cinema é uma arte capaz de fazer as pessoas se emocionarem e refletirem. Senti isso quando fiz *Em Nome da Razão*, que é um filme que ajudou, de fato, a mudar a questão manicomial no Brasil. Mais tarde, quando fiz o documentário *O Mineiro e o Queijo* (2011), ele ajudou, de forma concreta, a mudar a história do queijo artesanal de MG. Encontrei, de repente, uma situação em que você tinha um modo de fazer o queijo minas como um patrimônio imaterial, algo tombado, mas esse mesmo queijo era proibido de circular no Brasil. Então, em torno dessa contradição, comecei a estudá-la, a entender o que acontecia, e nós fizemos um filme que ajudou a mudar a história desse queijo. Ou seja, sempre pensei no cinema como uma forma de você intervir concretamente em um assunto. Como no caso dos meus filmes infantis, mostrar uma abordagem diferente da infância, ou também em trabalhos mais políticos, como *Batismo de Sangue*, que aborda acontecimentos passados durante a ditadura e que é bom lembrar no atual momento para que as pessoas percebam o que pode significar uma ruptura da democracia.

HIBERNAÇÃO E ESCRITA

Às vezes, tenho vontade de escrever. Como escrevo em geral meus roteiros, seja em parceria ou sozinho, isso me atrai. Ou seja, é uma opção à medida que se torna difícil fazer filmes hoje, ou mesmo que eu perca o interesse por eles nesses momentos complicados de produção paralisada. Vivemos numa época em que não está muito claro para onde seguir. Estou, portanto, num momento de hibernação. De certa forma, esse isolamento tem me provocado um olhar para dentro, para repensar o que de fato me interessa. ■

Assista ao documentário *Em Nome da Razão* (1979) e outras produções audiovisuais que abordam o tema da saúde mental na programação do ciclo *Delicadezas da Alma*, que vai ao ar no dia 29/10, às 23h, no SescTV.

Confira em: sescsp.org.br/sescTV.



Estevam Avelar



sopro

(...) *la man che ubbidisce all'intelletto*
Michelangelo Buonarroti¹

a chuva caiu forte, uma ventania furibunda, destelhou
várias casas, derrubou metade da mangueira do
vizinho, coitado, um furdunço de galhos, cacos e
folhas, remoinhados em todas as direções, incluído
meu quintal, por infelicidade, um pecado,
porque as mangas espalhadas verdes na terra,
haja compotas e doces agora..., sim, deu
medo,

dona quinquinha foi categórica,
uma tempestade dos
infernos, os demônios em briga braba, saídos em
horda pelo mundo, arruaceiros, se não mesmo em
baile enfezado, botando pra quebrar, santa bárbara nos
protegesse daquela dança legionária...,

lá na vila progresso, o granizo fez uma catapora
de estragos, cicatrizando fundo, com gélidas lapadas,
a lataria infensa de carros, motos e caminhões, um
grosso prejuízo, ...ou *a minha sorte*, como espalharam
os linguarudos de sempre,

ri deles todos, sem deixar
de esconder a metade dos dentes para uma óbvia
circunstância, porque a hipocrisia profissional deve
ter algum sensato limite, se não quiser afamar a
concorrência...,

mas nem tudo foram lucros futuros, em casa,
tive de colocar algumas bacias em goteiras esquecidas,
refeitas manchas na memória do
assoalho,
paciência, depois passo uma lixa
fina, 400, graxa de sapato, elas
sodem, ou quase sodem, vá lá, porque
impressas ainda mais fundas na retina,
sem possíveis funilarias,

...as desgraças são assim, vistas e revistas porque
encobertas, e, por isso mesmo, nas lembranças, a
capa sobressaindo os contornos do escuso, então
salientados,

dois dias de sol, subo no telhado, pra ver,
troco umas telhas, e pronto,

.....
limpava o quintal
quando dei com ele, num canto, atrás do vaso de
antúrios, me espiando, era um galho bonito,
que ficou em pé, feito bicho, levantando as patas num
mijamijando sem fim,

levei um susto, na hora, depois, achei o
bichinho até que bonito...,

sim, as recordações é que
derrubaram esse animalejo das árvores, só pode,
despencado em pedradas frias de um céu granizado,
quebrando também o galho dos funileiros
endividados, não posso mentir, ...esse
falso dolorido derretendo-se com muito gosto nas
mãos da molecada, antes mesmo das minhas, num
prenúncio bom,

disseram que os meninos se divertiram bastante,
chupando o gelo, ...teria gosto de limonada, não
sei se é verdade,

...enfim, o meu bichinho ali, me encarando,
parei até de varrer,

.....
tive um cachorro, pitágoras,
que morreu faz três anos,
...ou quatro?, parecia
gente, aquele vira-lata, falava
comigo, entendia tudo,
quando não antecipava os
pensamentos, respondendo
antes das perguntas, com
os olhos, o abano do
rabo, os latidos, sua
correta linguagem,



Ilustrações: Paulo Sayeg

¹ Tradução
em português,
(...) *a mão
que obedece
ao intelecto.*

a gente não devia chorar por besteiras,
pelos resultados cientes, antecipando as questões
adivinhadas, mas..., fiquei tão triste que disse
pra mim que nunca mais teria outro bicho, que a
gente morria um pedaço grande, pesado, quando
o animalzinho ia embora, bastando pra isso a vida,
poxa, que nos arranca os nacos da alegria, sem avisos,
sempre e aos poucos, o que é pior, porque dos supetões
a gente se livra como eles mesmos se derrubam, em
espatifados repentinos, e fim de papo, tal as pedras no
capô dos carros, é ou não é?

pitágoras ficou
doentinho, arrastou-se, morreu miando, agarrado
talvez a outras possibilidades de ser e permanecer,
quem sabe?, chorei, sim, não me envergonho de
confessar,

enterrei-o no quintal, um paralelepípedo
de triste lápide, que depois retirei, porque ficava jururu
o dia inteiro, toda vez que via a pedra, imóvel na
morte, sentada sobre as alegrias, assim me esperasse...,

estas nuvens escuras,
rojando-se pelo céu baixo,

.....



uma coisa minha avó me fez lhe prometer, a única,
...ou antepenúltima, pra ser exato,

que lavasse os túmulos da família, todos eles, em
agosto, no mais tardar em setembro, pra não parecer
que fosse mera tarefa, por espalhafatosa obrigação
do dia de finados, o que acabaria sendo um lustroso
desrespeito, ...e ai de mim se me aproximasse
do túmulo do meu ex-avô, como a ele se referia, que o
homem não era mais da família, por escolha própria,
dele, e que só não pedia o contrário, que eu despejasse
em sua campa um balde de lama, porque a imundície
por dentro da cova era maior, e, ainda, por mais sujo
fosse o líquido, no fundo, no fundo estaria, isso sim,
limpando a sempre maculada imagem daquele safado
sem-vergonha...,

de todo modo, mesmo
sem polir o bronze do seu nome, nunca deixei de ir
ao cemitério e passar por ele uns minutinhos, que, ao
menos, soube seguir o peito, não obstante o escândalo,
e ser feliz, como sempre me disse,

falava isso pra mim não por dispensável desculpa,
mas lição de velada sinceridade - o que hoje
reconheço -, toda vez que nos encontrávamos,
escondidos da parentalha, que nunca o perdoou,
embora recebessem, com fingido malgrado,
o dinheiro que também nunca nos deixou faltar,
e não apenas pingado, o chuvisco de uma obrigação,
mas entornado para além da capacidade de nossas
tantas e medidas precisões, porque a nova família, lá
dele, com as posses nunca sonhadas por ele mesmo,
amontoadas, e, por isso, desnecessárias para si,
em si mesmo, apesar de tudo que se disse de uma
interesseira conduta, no que descreio,

...e, ainda que verdade, vá lá,
o coração aperta o passo na correria, fato que não
seria estranho aos sentidos da paixão, empurrada
ladeira abaixo do mundo, no mais das vezes, sem os
corrimãos, que é que tem?,

o diogo via nesse desprendimento
uma continuada confissão de culpa, pelo que
reproduzia o rumoroso caso de amor somente para
garantir o eco dos cobres, anos e anos depois, como
lhe disse certa vez, indignado com as cabeludas
excrecências que passou a inventar a respeito do

romance antigo do nosso avô, falatório
que se fazia presente, afinal, o tempo
inteiro, nesses relambidos e cultivados
ressentimentos,

meu irmão sempre foi meio
filho da... inteireza que não
lhe reconheço apenas por ônus da
consanguinidade,
enfim, pensando no assunto, hoje, ...há
túmulos cujo epitáfio é uma infundável
arenga, em distintos monólogos ouvidos
segundo o deturpável entendimento do
indivíduo que os visita, mal e mal de
passagem, uma vez por ano, no dia de
finados, vovó que me perdoe,

bem, com a vida não é
diferente, é?,

escutamos com as
nossas orelhas sujas na caliça dos rebocos,
muita inveja deles todos, sei disso, já que
montei a minha oficina com a ajuda de
vovô, que gostava mesmo de mim,
minha avó
está velhinha, mas a cabeça afiada,



acho que se fincou no passado e foi
ficando, falam, inclusive, que o seu
passatempo é amolar quem estiver por perto,
...maledicências,
a longevidade pode ser uma teimosia, quando
alguém bate os pés com força, anteontem,
por algum resumitivo fato, de alegrias ou
infelicidades, tanto faz, prendendo-se nele,
então, esquecido de branquejar os cabelos, e
aí...,

os

infortúnios também nos tocam adiante. (...) ■

ANTONIO GERALDO FIGUEIREDO FERREIRA

é paulista, autor do romance *as visitas que hoje estamos* e da coletânea de poemas *eu, morto*, ambos editados pela Iluminuras. Entre outros livros, publicou o infantil *o amor pega feito um bocejo*, pela Companhia das Letrinhas; o de poemas *peixe e mingua*, pela Nankin; e o romance *siameses*, pela Kotter, em dois volumes (com apoio do programa Rumos Itaú Cultural, 2015-2016). Um excerto do conto inédito *sopro*, reproduzido nesta seção, fará parte do livro *um treminhão na banguela cruzando sem freios o fusquinha da vida*, ainda sem previsão de lançamento.



EXPERIMENTA!

COMIDA,
SAÚDE E
CULTURA

**16 A 24 DE
OUTUBRO | 2021**

O UNIVERSO DA ALIMENTAÇÃO
E SUAS CONEXÕES COM A
SAÚDE E A CULTURA.

BATE-PAPOS E OFICINAS CULINÁRIAS,
ENTRE OUTRAS ATIVIDADES.

**Programação
100% on-line**

Saiba mais:
sescsp.org.br/experimenta





Central de Atendimento do Sesc Av. Paulista

OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.

CRENCIAL PLENA

- titular**
trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4*.
estagiários do comércio de bens, serviços e turismo - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
temporários do comércio de bens, serviços e turismo - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
desempregados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 24 meses e foto 3x4*.
aposentados do comércio de bens, serviços e turismo - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4*.
titular falecido - o dependente de trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, apresentará também a certidão de óbito.



- dependentes**
cônjuge - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*
filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos) - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*
filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos) - documento de identidade, CPF, foto 3x4* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).
pais e padrastos - documento de identidade, CPF e foto 3x4*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*
avós - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4*.

A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.

CRENCIAL ATIVIDADES

A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.

- Documento de identidade, CPF e foto 3x4*.
- *A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$ 20 para a emissão da segunda via.**

ATENÇÃO

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para fazer a Credencial Plena, incluir dependentes ou renovar a sua Credencial vencida*, é necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento.

*As Credenciais Plenas com data de validade entre 2/2020 e 2/2021 tiveram a validade prorrogada até 31/03/2022. Não é necessário o comparecimento nas Centrais de Atendimento.

Baixe o aplicativo Credencial Sesc SP e utilize a Credencial digital. Acesse www.seccsp.org.br/credencialplena e saiba mais*. As demais informações sobre documentação estão atualizadas.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC
Administração Regional
no Estado de São Paulo
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez.

Suplentes:

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vítor Fernandes e William Pedro Luz.

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

Suplentes:

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO

Diretor: Danilo Santos de Miranda

Adenor Serrano Domiense, Adriane Da Silva Ribeiro, Airá Fuentes Tacca, Alessandra Machado Fialho, Alexandra Xavier Do Egito Costa, Aline Ribenboim, Ana Carla De Assis Ribeiro, Ana Paula Fraay Moyses Henriques, Andrea De Oliveira Rodrigues, Angela Vieira Vasconcelos, Bruna Hitos Pereira, Bruna Marcatto da Rocha, Camila Freitas Curaca, Camila Santos Medeiros, Cinthya De Rezende Martins, Claudia Cassia de Campos, Claudia Vieira Garcia, Dalmir Ribeiro Lima, Daniel Douek, Daniel Tonus, Daniela Cristina Ramos Del Nero, Danielle Simas, Danilo Cava Pereira, Danilo Cymrot, Danny Abensur, Diego Da Silva Oliveira, Diego De Paula Lemos, Eduardo Santana Freitas, Eloá De Paula Cipriano, Emerson Pirola, Fabiana Della Coletta Monteiro, Fabiana Regina De Freitas, Fernanda Cristina Pereira De Oliveira, Gabriela Xabay Gimenes, Geraldo Soares Ramos Junior, Gislene Lopes Oliveira, Graziela Nunes, Guilherme Luiz De Carvalho Souza, Ivanildo Rodrigues Da Hora, Jacy Helena Almeida Silva, Juliana Braga de Mattos, Julio Cesar Pereira Junior, Karla Priscila Vieira Carrero, Katia Rizzo Thomaz, Larissa Meneses Dos Santos, Leticia Veras, Lidiane De Jesus, Lilian Vieira Ambar, Marcelo Coscarella, Marcio Gouveia Franca, Marcos Ribeiro de Carvalho, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Mariana da Rosa Silva, Mariana Queiroz Fernandes, Nathalia Quaz Magalhães, Odair Freire Dos Santos, Poliana De Moura Queiroz, Rachel D Ipolitto De Oliveira Scire, Regina Machioni, Rejane Pereira Da Silva, Renata Barros Da Silva, Renato Perez de Castro, Ricardo Carrero Da Costa, Ricardo De Oliveira Barbosa, Ronaldo Domingues De Araujo, Sílvia Aguilhar da Cruz, Simone Cilli, Thais Cristina Kruse, Thais Ferreira Rodrigues, Vanessa Mendes Rosado e Viviane Gabarron Sichineli

REVISTA E

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini

- Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz
- **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo
- **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Manuela Ferreira e Maria Julia Lledo
- **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis, Marina Pereira e Luna D'Alama
- **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim
- **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro
- **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):** Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior
- **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães • **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz
- **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Miguel de Almeida MTB 14122.

A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site: seccsp.org.br

Cartografia MODERNISTA

O ser humano carrega consigo, muitas vezes, o desejo de viajar no tempo com a intenção de observar o modo de vida em uma época distante. Sem máquinas ou outras tecnologias para percorrer esse itinerário, nos consolamos com a criação de um simulacro a partir de coordenadas geográficas, mais precisamente de ruas, praças, parques e outros espaços por onde andaram personagens de séculos passados que marcaram a História. Lugares que podemos visitar e por meio dos quais podemos recriar, por exemplo, os passos de artistas que protagonizaram a Semana de Arte Moderna de 1922, na cidade de São Paulo. Um convite para se imaginar na plateia do Theatro Municipal entre os dias 13 e 17 de fevereiro daquele ano, há quase um século; para observar, de trás de alguma árvore do Jardim da Luz, a jovem artista Tarsila do Amaral com seu caderno de desenhos; ou mesmo tomar um café com Mário de Andrade em sua residência na Barra Funda. Mapa na mão? É hora de partir...

JARDIM DA LUZ

A região que hoje conhecemos como o centro histórico da capital paulista já foi cenário de transformações da economia, da industrialização, da chegada de imigrantes europeus e asiáticos, entre outros, bem como de mudanças culturais do início do século 20. Era um local de passagem, encontro e inspiração para os modernistas, a exemplo da artista Tarsila do Amaral (1886-1973). A artista chegou a morar no bairro Campos Elíseos e costumava caminhar de casa até o parque Jardim da Luz – criado originalmente como Horto Botânico e, em 1825, aberto ao público como Jardim Público da Luz. Aos que hoje frequentam o local, poderia ter se sentado em um dos bancos, à sombra das árvores, a jovem pintora, que costumava ir ao parque para desenhar em seu caderno. Mais tarde, seria em seu ateliê na Rua Vitória, nº 133, no bairro Santa Ifigênia, que a pintora de *Abaporu* (1928) receberia amigos do movimento modernista. Recém-chegada ao Brasil, vinda da Europa quatro meses depois da Semana de 1922, “nesse período, irradiando talento e simpatia, favorecia uma convivência amigável entre as pessoas do ‘grupinho’ (*Grupo dos 5: formado por Tarsila, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Anita Malfatti e Menotti del Picchia*), enquanto se alimentava da São Paulo modernista de junho a dezembro de 1922”, descreveu Nádia Battella Gotlib, professora da Universidade de São Paulo (USP) e autora de *Tarsila do Amaral: A Modernista* (Edições Sesc São Paulo, 2018).



Vista aérea do Parque da Luz

Joca Duarte



Escultura de bronze *Três Jovens* (1939), de Lasar Segall

Joca Duarte

CASA MÁRIO DE ANDRADE

Um dos principais mentores do modernismo brasileiro e da Semana de Arte Moderna de 1922, Mário de Andrade (1893-1945) mudou-se para a Rua Lopes Chaves, nº 546, na Barra Funda, em 1921, e sua residência logo se tornaria reduto de encontros do movimento. O afeto pela casa, que ele compartilhava com a mãe, a irmã e uma tia, o levou a escrever em homenagem ao lar o *Poema XVII*, integrante do livro *Losango Cáqui* (1926), publicado após a mudança da família para o bairro na zona oeste de São Paulo:

*Minha casa...
Tudo caiado de novo!
É tão grande a manhã!
É tão bom respirar!
É tão gostoso gostar da vida!
A própria dor é uma felicidade!*

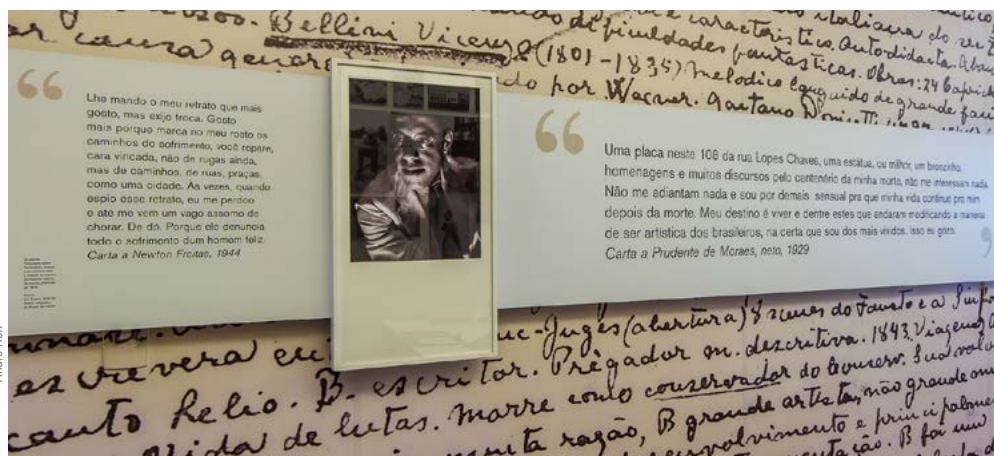
Em 1941, em carta à poeta e crítica literária Henriqueta Lisboa (1901-1985), voltou a descrever a residência da Lopes Chaves: “Um dia você ainda há de vir a esta casa, Henriqueta, e verá como é gostoso o cantinho em que moro, meus livros, minhas coleções de desenhos, de objetos populares, de imagens antigas e meus quadros e meus badulaques que não acabam mais”. Henriqueta conheceu a “Morada do Coração Perdido” – como o lugar também ficou conhecido – dias antes da morte do modernista, em fevereiro de 1945. O imóvel é tombado em nível estadual em 1975 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo – Condephaat, e em 1991 via esfera municipal pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo – Conpresp, quando foi aberto à visitação com o nome Oficina da Palavra. Até que, em 2015, o espaço foi reaberto como Casa Mário de Andrade, e três anos depois tornou-se formalmente um museu que conta episódios da vida e obra do artista, entrelaçados também pela história do movimento modernista. Em uma exposição permanente, é possível visitar o acervo composto por objetos pessoais e documentos de imagem e áudio. Espaço que integra a Rede de Museus-Casas Literárias da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo, gerenciada pelo instituto Poiesis, a Casa Mário de Andrade realiza uma programação de atividades culturais e educativas dedicada ao centenário da Semana de 22. Conheça: www.casamariodeandrade.org.br.



André Hoff

Em maio de 2020 a Casa Mário de Andrade inaugurou, com uma nova edição a cada ano, o Programa Formativo “Patrimônio, Memória e Gestão Cultural”, áreas em que o escritor e gestor cultural foi pioneiro por ter criado, na década de 1930, o anteprojeto que deu forma ao atual Iphan, sendo que a Casa foi a primeira sede do Iphan

Imagem da exposição de longa duração *A Morada do Coração Perdido*, na Casa Mário de Andrade, que reúne objetos pessoais do modernista, móveis originais da residência, textos, fotos e vídeos



André Hoff

THEATRO MUNICIPAL

Palco da programação da Semana de Arte Moderna, o Theatro Municipal de São Paulo, localizado no bairro da Sé, recebeu o “grand monde” político e cultural da cidade de São Paulo para conhecer o que havia de novo em produção e pensamento representados em múltiplas linguagens artísticas. Inaugurado 11 anos antes do festival, o teatro de arquitetura inspirada na Ópera Nacional de Paris recebeu para a ocasião uma mostra com cerca de 100 obras – esculturas, pinturas, croquis e maquetes de projetos arquitetônicos – expostas no saguão, além de três sessões líteromusicais noturnas, com a organização e participação de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Guilherme de Almeida e outros artistas. Na esteira das celebrações do centenário da Semana de 22, o Theatro Municipal realiza o projeto *Novos Modernistas*, que visa retomar o caráter multicultural do evento em espetáculos mensais. No site oficial, há a descrição da proposta: “Por meio de apresentações de temática contemporânea, esses espetáculos, cada um à sua maneira, derrubam muros e expandem territórios”. Bem ao espírito da emblemática Semana ali realizada no século 20. Confira: theatromunicipal.org.br.





CASA GUILHERME DE ALMEIDA

Poeta, tradutor, jornalista, advogado e um dos expoentes do modernismo, Guilherme de Almeida (1890-1969) viveu na Rua Macapá, nº 187, no bairro de Perdizes, de 1946 até o ano de sua morte. A “Casa Colina”, como ficou conhecida, acolhia uma rica coleção de obras – gravuras, desenhos, pinturas e esculturas –, em grande parte presenteadas pelos principais artistas do modernismo brasileiro, como Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Lasar Segall e Victor Brecheret. Em 1979, a residência se tornou uma instituição da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo, aberta ao público e gerenciada pela Poiesis. A Casa Guilherme de Almeida reúne não só um acervo composto pela coleção de obras de arte de seu antigo dono, como também a biblioteca, a hemeroteca e o arquivo fotográfico do modernista. O mobiliário e os objetos decorativos, escolhidos por Guilherme e sua esposa, Baby de Almeida, compõem esse cenário de volta ao passado. No museu, são realizadas regularmente atividades gratuitas relacionadas a todas as áreas de atuação de Guilherme de Almeida, da literatura traduzida ao cinema, passando pelo jornalismo e pelo teatro. Soma-se, ainda, uma programação dedicada aos 100 anos da Semana de Arte Moderna. Saiba mais:

www.casaguilhermedealmeida.org.br.





Ricardo Ferreira

Constante evolução

Quando pensamos em alimentação saudável, o que nos vem à cabeça? “Cortar o glúten”, “escolher produtos light” ou “comer frango com salada todos os dias” são alguns exemplos. Mas alimentação saudável tem a ver com variedade, não com restrição – e passa pela cozinha de casa, não pela escolha de uma comida no aplicativo a cada noite. E não estou dizendo que precisamos cozinhar todos os dias. É uma delícia poder pedir um prato que normalmente não fazemos, sem ter que nos preocupar com a compra dos ingredientes e lavar a louça no final. Mas saber preparar a própria refeição é bom para a saúde, para a boa forma, para o orçamento, e ainda pode ser uma diversão. Cozinhar, como diz o jargão, é um ato de amor e uma forma de descobrir novas habilidades, ensinar, aprender e construir uma memória gastronômica e afetiva.

Na casa dos meus pais, sempre tivemos o hábito de preparar nossas refeições, reproduzindo pratos de livros de receitas, seguindo as tradicionais receitas passadas de geração em geração e, mais recentemente, começamos a executar as modernas sugestões dos programas de culinária da TV. Minha mãe, uma excelente cozinheira, é muito fiel a cada detalhe das receitas. Bolo de massa folhada, bife à rolê, nhoque, pães caseiros, entre outros pratos, são suas especialidades. Porém, estrogonofe (à brasileira, com arroz e batata palha) nunca foi um prato servido em nossas reuniões de família.

Aprendi a comer estrogonofe quando fui trabalhar no Sesc Bertioga, em 2006. E, claro, adorei! Anos depois, aprendi uma receita desse prato com preparo bem simplificado e prático, e que provavelmente seria reprovada por qualquer aprendiz de cozinheiro. Pronto, virou minha receita favorita de estrogonofe!

Durante a pandemia, com a impossibilidade de sair e frequentar restaurantes, nossos almoços em família aos domingos foram ficando cada vez mais incrementados. Em um desses dias, resolvemos fazer uma competição de quem tinha a melhor receita de estrogonofe: eu com a minha listinha e instruções simples e práticas, minha mãe com sua receita tradicional, e meu irmão inovando nos

ingredientes e na forma de preparo. Os jurados, além de nós três, cozinheiros amadores, foram meu pai e meu filho de 11 anos.

E assim fizemos: cada um de posse dos seus ingredientes e tentando esconder dos outros suas técnicas e segredos. Cada prato foi preparado e levado à mesa em travessas diferentes, para que os jurados não descobrissem a quem pertencia cada receita. E a favorita, escolhida pela maioria, foi a mais prática de todas: a minha! Desde então, ela foi adotada pela família inteira como a melhor receita de estrogonofe.

Competições amadoras à parte, sempre penso em como as importantes escolhas alimentares feitas pelos meus pais anos atrás influenciaram diretamente as minhas decisões e as de toda a família. Quão importante foi eles terem plantado nos filhos a sementinha do ato de cozinhar, de sentar-se à mesa, de estar junto de quem amamos, compartilhando uma refeição! Num mundo tão tecnológico e rápido como este onde estamos vivendo, pedir um estrogonofe por aplicativo teria sido muito mais prático, mas certamente não mais gostoso, pois promover um concurso de receitas em família nos permitiu passar um tempo de qualidade juntos, renovar aquilo que já era feito e desenvolver novas habilidades, novas ideias e uma nova forma de fazer as coisas.

Mas, para que eu possa continuar aprendendo, muitas vezes terei que fazer o exercício de desaprender primeiro, para só depois assimilar algo novo. Acredito que esse movimento de repensar conceitos e modos de fazer vale para tudo na vida, inclusive para melhorar nossos hábitos alimentares. O que era bom há 10, 20 anos, por exemplo, talvez não seja a melhor opção hoje, e vice-versa. Torço para que o futuro reserve a todos nós mais momentos simples, felizes e de aprendizado, pois a única certeza que temos é de que estamos em constante evolução. ■

KAREN LEAL DA SILVA é graduada em Nutrição, assistente técnica da Gerência de Alimentação e Segurança Alimentar, e coordenadora do Centro de Captação e Armazenagem Mesa Brasil.

Ação urgente contra a fome. Faça sua doação.

A fome é uma realidade que atinge milhões de brasileiros.

Agora, você pode doar qualquer tipo de alimento não perecível diretamente nas unidades do Sesc e Senac no Estado de São Paulo

Ajude a mudar essa situação!

Acesse

sescsp.org.br/doemesabrasil



